

FUNDO

Víctor Tavares de Moura

inventário analítico

Fundação Oswaldo Cruz • Casa de Oswaldo Cruz

Departamento de Arquivo e Documentação







Ministério da Saúde
Ministro
José Saraiva Felipe



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Fundação Oswaldo Cruz
Presidente
Paulo Marchiori Buss



Casa de Oswaldo Cruz
Diretora
Nísia Verônica Trindade Lima

Departamento de Arquivo e Documentação
Chefe
Ana Luce Girão Soares de Lima

URBANDATA – *BRASIL*

Coordenação Geral do Projeto
Lícia do Prado Valladares (URBANDATA-BRASIL/IUPERJ)

Equipe da Pesquisa realizada pelo
URBANDATA-BRASIL/IUPERJ

Pesquisadora
Lídia Medeiros
Bolsista
Monique Carvalho Batista

Apoio:



A R Q U I V O

Victor Tavares de Moura
inventário analítico

Fundação Oswaldo Cruz • Casa de Oswaldo Cruz

Departamento de Arquivo e Documentação

Rio de Janeiro – 2005

Supervisão da organização do acervo
Ana Luce Girão Soares de Lima
Aline Lacerda

Organização
Claudio Arcoverde Leal de Barros Filho

Entrevista com Maria Coeli Tavares de Moura
Lídia Medeiros
Monique Carvalho Batista
Jacqueline Lima

Revisão
Edna Padrão

Reproduções fotográficas
Roberto Jesus Oscar
Vinícius Pequeno

Conservação de documentos iconográficos
Clara Mosciaro

Programação Visual
Fernando Vasconcelos

Agradecimentos
Francisco Lourenço
Maria da Conceição
Iracy Corrêa Guerra

F981a Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Departamento de Arquivo e Documentação.
Arquivo Victor Tavares de Moura : inventário analítico. – Rio de Janeiro : FIOCRUZ, 2005.

92 p. : il. – (Instrumentos de pesquisa, 3)

ISBN 85-85239-33-6

1. Arquivos. 2. Moura, Victor Tavares de, 1892-1960. 3. História das ciências. 4. Saúde pública. 5. História. 6. Brasil. I. Título. II. Série.

CDD : 027.1

Sumário

Apresentação	9
Prefácio	13
Introdução	21
Notícia Biográfica	25
Cronologia	31
Inventário Analítico	47
• Ficha técnica	37
• Série Documentos Pessoais	41
• Série Medicina Social	42
• Série Medicina do Trabalho e Sesi	47
• Série Produção Intelectual	49
• Série Impressos	54
• Série Documentação Complementar	57
Imagens	60
Entrevista	69

Apresentação

As favelas ocupam desde, pelo menos, a década de 1940 lugar de destaque nos estudos urbanos e no imaginário político sobre o Rio de Janeiro. Persistem, não obstante, estereótipos e dificuldades para se analisar a complexidade e as mudanças que vêm acompanhando sua história. Controvérsias que pareciam superadas, como a que opunha urbanização e remoção como alternativas de políticas públicas, ressurgem inesperadamente e indicam a importância de se ampliar o conhecimento e o debate sobre o tema.

A pesquisa histórica pode contribuir de modo significativo para a compreensão sobre o significado da favela como fenômeno urbano, social e político, como revelam os livros e artigos citados por Licia do Prado Valladares no prefácio a este *Inventário*. A importância dos médicos nas propostas de reforma social que acompanham a história das favelas e das políticas de habitação popular, apontada por esses trabalhos, não foi, entretanto, suficientemente analisada. Por outro lado, o acesso a fontes primárias relativas a essa história, que vem se tornando realidade como resultado de ações na área de preservação e tratamento de acervos, já começa a ter efeitos significativos, evidenciados na recente produção acadêmica.

A organização do arquivo pessoal de Victor Tavares de Moura, médico que coordenou, entre outros programas, a criação dos Parques Proletários Provisórios durante o primeiro governo de Getúlio Vargas, insere-se nessa política mais ampla de preservação e difusão de documentos significativos para a história da saúde e a história política do Brasil, que vem sendo realizada pela Casa de Oswaldo Cruz. Só poderíamos, portanto, acolher com entusiasmo a proposta de Licia do Prado Valladares de abrigarmos tão importante acervo e realizarmos, com apoio da FAPERJ, seu tratamento e a elaboração de instrumentos de consulta para os interessados nos diversos temas que, como demonstra esse *Inventário*, podem ser estudados a partir da trajetória pessoal e profissional de Victor Tavares de Moura.

Resultado da atividade profissional e do entusiasmo da equipe coordenada por Ana Luce Girão Soares, chefe do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz, este trabalho vem trazer também uma pequena contribuição ao esforço notável realizado pelo Urbandata/Iuperj na constituição de bases de

dados e na difusão de trabalhos publicados e teses inéditas. Esperamos que a divulgação do acervo de Victor Tavares de Moura seja um convite para que se revise a história das políticas de habitação popular, com ênfase no papel dos médicos como reformadores sociais, e, principalmente, que se identifiquem novos problemas e perspectivas para o estudo de temas centrais à compreensão dos dilemas sociais e políticos presentes na configuração de espaços urbanos como o da cidade do Rio de Janeiro.

Nísia Trindade Lima

Diretora da Casa de Oswaldo Cruz

Prefácio

Victor Tavares de Moura, um reformador social

Victor Tavares de Moura, juntamente com Clementino Fraga e Pedro Ernesto, integra um pequeno grupo de médicos que na primeira metade do século XX voltou-se para a questão social no Rio de Janeiro. Em sintonia com a política social do governo Vargas, seu trabalho é um exemplo da ação reformadora posta em prática por alguns daqueles que assumiram cargos na administração pública da então capital federal. Relativamente pouco conhecido, e sobretudo associado à criação dos Parques Proletários, merece, como esta publicação demonstra, entrar de forma mais explícita para a história da medicina social e da política social do Rio de Janeiro da época varguista.

Foi com este intuito que propusemos à Casa de Oswaldo Cruz uma parceria com o IUPERJ e o URBANDATA-Brasil, parceria esta consistindo na transferência do arquivo pessoal de Victor Tavares de Moura, então nas mãos da sua filha Maria Coeli Moura, para aquela instituição¹. O tratamento técnico e adequado do acervo seria assim garantido através deste projeto inter-institucional, e a vida e a obra de Victor Tavares de Moura poderiam ser melhor conhecidas, divulgadas e compreendidas, tornando-se também acessíveis aos pesquisadores em geral.

Com efeito, até então, só uns poucos, haviam tido acesso ao arquivo pessoal do médico. Tratava-se de pesquisadores interessados na história da política governamental relativa às favelas e na política habitacional brasileira em geral, que sentiram a necessidade de ir até as fontes originais (Parisse, 1969; Leeds e Leeds, 1978; Melo, 1982; Pino, 1997). A grande maioria daqueles que estudaram e/ou mencionaram em seus textos a política dos Parques Proletários, basearam-se em fontes secundárias, em outros autores que haviam escrito anteriormente sobre a sua atuação (como fez

¹ Projeto “Memória da Favela Carioca: médicos, pobreza e reforma social” (2001) FAPERJ, IUPERJ/URBANDATA-Brasil, COC/FIOCRUZ”. Trabalharam no projeto pelo URBANDATA-Brasil a pesquisadora Lídia Aguiar Medeiros, sendo bolsistas da FAPERJ Monique Batista e Cláudio Arcoverde Leal de Barros. Ana Luce Girão Soares, do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz dirigiu todo o trabalho de tratamento técnico do acervo, seguindo a metodologia de organização de arquivos privados do CPDOC-FGV.

Burgos, 1998, por exemplo) não tendo tido, assim, acesso detalhado à história de vida, nem aos documentos produzidos diretamente por Victor Tavares de Moura. Por outro lado aqueles que fizeram trabalho de campo nos Parques, analisando esta alternativa no percurso da política habitacional carioca, se basearam, sobretudo, em observação e em entrevistas *in locu* com os moradores (Oliveira, 1981).

O Arquivo Victor Tavares de Moura, que agora vem a público, tornará, assim, possível uma melhor compreensão da sua atuação política, permitindo também que se considere as idéias e o fazer de Victor Tavares de Moura à luz do conhecimento detalhado de sua vida, levando em conta suas origens, sua teia de relações e o impacto do contexto da época – sem o qual não é possível entender sua atuação. Repensar o personagem e reavaliar sua importância constituem portanto um dos objetivos primordiais desta iniciativa.

A maioria dos textos recentes que falam de Victor Tavares de Moura apresentam um julgamento negativo sobre este autor, visto quase que exclusivamente como o iniciador das políticas públicas para as favelas do Rio, às quais imprimiu um caráter autoritário e excludente. De um ponto de vista atual, onde a concepção dominante é a de uma reforma urbana democrática e cidadã, onde os habitantes de uma cidade devem ter vez e voz, sua ação, através dos Parques Projetários, parece, evidentemente autoritária.

Ora, o trabalho do pesquisador deve tentar ir além de postulados ideológicos e práticas anacrônicas de interpretação. Deve analisar sociologicamente as concepções e práticas dos atores no seu contexto político local e em relação (no caso específico de Victor Tavares de Moura) às várias correntes internacionais do movimento reformista. O passado não deve ser julgado pelo presente, uma dada época deve ser compreendida no seu momento histórico e seus homens situados em relação aos debates então contemporâneos e ao contexto político e social no qual se encontram inseridos.

Os autores que consultaram o arquivo de Victor Tavares de Moura (Parisse, 1969; Leeds e Leeds, 1978; Melo, 1982; Pino, 1997; e mais recentemente Medeiros, 2002; Lima, 2005) nos fornecem uma visão mais abrangente e complexa deste ator. Para compreender a atuação do médico torna-se necessário recorrer à sua história

de vida e aos contextos nacional e internacional que frequentou. Nascido em Pernambuco em 1892, formou-se em medicina no Rio de Janeiro e estudou na Europa, em Paris e em Berlim, cidades que no final do século XIX e durante as primeiras décadas do século XX foram cenário de reformas urbanas e políticas de habitação importantes, além de focos de debates de várias correntes higienistas². Ser médico era na sua época gozar de um status elevado na sociedade. Ser médico interessado em questões sociais era também, no período em que atuou, quase sempre ser higienista ou sanitarista. Cunhado de Agamenon Magalhães, participou em Recife da “Liga social contra o mucambo”, sua fonte de inspiração (Moura, 1940:1) na política habitacional que mais tarde poria em prática durante a Administração do Prefeito do Rio de Janeiro, Henrique Dodsworth.

Em 1935 foi transferido para o Rio de Janeiro onde ocupou o posto de médico da Prefeitura do Distrito Federal sendo nomeado em 1937 chefe do Albergue da Boa Vontade, criado anos antes por Pedro Ernesto. Este Albergue, ao que tudo indica constituiu-se na primeira iniciativa pública de atendimento aos sem-teto da cidade do Rio de Janeiro. De grande sucesso na época Vargas, sendo frequentemente visitado por Getúlio e outros políticos, no Albergue funcionou durante vários anos o que foi o primeiro refeitório popular de origem governamental do Rio de Janeiro. Como ressalta Medeiros (2000) não é possível considerar a atuação do Victor Tavares de Moura na esfera social sem uma referência e uma análise do funcionamento e da concepção deste Albergue.

O campo de intervenção de Victor Tavares de Moura não se limitou, portanto, à política dos Parques Proletários. Foi, com efeito, seu trabalho anterior junto aos albergados e sua experiência no Recife com Agamenon Magalhães, que lhe forneceram as condições necessárias para a realização do “Esboço de um Plano para Estudo e Solução do Problema das Favelas do Rio de Janeiro”, trabalho efetivado em 1940 a pedido do Secretário Geral de Saúde e Assistência do Rio de Janeiro, Dr. Jesuíno Carlos de Albuquerque e que encontra-se na origem da política dos Parques

² Ver Topalov (1999).

Proletários. Em Recife, havia sido constituída uma Comissão de Recenseamento dos Mucambos (Lira, 1998: 94) da qual Victor Tavares de Moura havia participado. Em seu texto para o Secretário Geral de Saúde e Assistência do Rio de Janeiro, ele ressalta o que sentira na experiência anterior, a necessidade da colaboração de um estatístico (Moura, 1940: 7) e recomenda como no caso dos mucambos, proceder a um recenseamento detalhado das favelas, segundo ele condição indispensável para a definição das ações públicas:

“Da minúcia e do critério com que for preenchida a ficha do censo, dependerá em grande parte o êxito da campanha, pois somente com informações reais e pormenorizadas, é que se pode escolher o caminho a seguir para a solução de um problema, cuja complexidade não necessita de ressaltar” (Moura, 1940: 8)

Victor Tavares de Moura propõe assim não apenas a colaboração de um estatístico mas um modelo de ficha para o recenseamento das favelas com vários tipos de informação a serem coletadas: bairro, nome da favela, rua e número; nome e endereço dos proprietários do terreno, por um lado, e do barracão por outro; características físicas da moradia (materiais, número de cômodos, superfície, estado geral); estatuto de ocupação, valor do bem, montante eventual do aluguel da moradia e do terreno; tipo de uso, se residencial, comercial, escolar, de lazer ou misto; lugar de nascimento; ocupação, estatuto, lugar de trabalho e renda do chefe de família e dos outros membros ativos da família; desocupados segundo o setor de atividade; inválidos; nível de educação; número, idade, sexo e escolaridade das crianças³.

Os argumentos apresentados para justificar as informações a serem recolhidas revelam, sem dúvida, um conhecimento detalhado da formação das favelas, distinguindo-se entre as favelas constituídas por invasão ilegal de terrenos públicos e as favelas estimuladas pelos próprios proprietários da terra que ali obtinham lucros importantes, evitando ao mesmo tempo o pagamento de impostos (Moura,

³ Esta ficha aplicada pelo Serviço Censitário/Comissão de Estudo do Problema das Favelas/Prefeitura do Distrito Federal, encontra-se disponível no Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.

1940:3). Victor Tavares de Moura, em seu texto, dá o exemplo do Morro da Favella, onde os barracões por um lado se estendiam sobre um terreno municipal, e pelo outro sobre um terreno particular, lembrando que esta parte é menos povoada, pois “todo morador paga o aluguel do chão ou do barracão, e se assim não o fizer, será despejado, quasi sempre com violência” (Moura, 1940:10).

Essas propostas foram aplicadas pela Comissão de Estudo do Problema das Favelas, cuja criação em 1941 foi recomendada pelo próprio Victor Tavares de Moura e na qual ele tinha a responsabilidade de dirigir as pesquisas de campo (Parisse, 1969: 65). Quatorze favelas foram estudadas segundo o seu método. O relatório que apresenta esses resultados nunca foi publicado sob forma de documento, mas teve uma considerável repercussão na imprensa do Rio (Parisse, 1969: 68-69), sobretudo nos jornais favoráveis ao governo Vargas. Segundo Leeds & Leeds (1978: 192-194), o relatório evidenciava, pela primeira vez, a complexidade da favela. Victor Tavares de Moura ressalta a diversidade entre as mesmas, e as situações descritas desmistificam a visão corrente àquela época, das favelas como lugar de criminalidade, marginalidade e desorganização social (Leeds & Leeds, 1978: 193).

O arquivo pessoal de Victor Tavares de Moura tem, portanto, seu lugar na história da favela carioca e, de forma mais ampla, no campo das políticas sociais relativas aos pobres na era Vargas. Composto de 330 documentos textuais e de 248 documentos iconográficos, pode vir a revelar aspectos inéditos das concepções vigentes sobre os pobres, seu modo de vida e suas condições de moradia nos anos 1940. Como pode também vir a comprovar “o autoritarismo de uma pedagogia civilizatória ensaiada”⁴. Faz parte, sem dúvida, das ambivalências do período Vargas que merecem ser analisadas em profundidade.

Licia do Prado Valladares

Professora de Sociologia da Universidade de Lille 1 (França)
e Pesquisadora Associada do IUPERJ

⁴ Burgos, 1998: 28.

Referências Bibliográficas

- BURGOS, Marcelo Baumann, “Dos parques proletários ao Favela-Bairro: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro”. In: ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos (orgs), *Um século de favela*, Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, pp. 25-60.
- KLEIMAN, Mauro , “Acabar com as Favelas; Parques Proletários provisórios: uma intervenção na prática”. *Chão – Revista de Arquitetura*, Rio de Janeiro, n. 2, 1978, pp. 16-22.
- LEEDS, Anthony e LEEDS, Elizabeth, *A Sociologia do Brasil Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- LIMA, Jacqueline. *A pobreza como um problema social: as ações de Victor Tavares de Moura e Agamenon Magalhães nas favelas do Rio e nos Mocambos de Recife durante o Estado Novo*. Tese de Doutorado a ser apresentada no IUPERJ, Rio de Janeiro, 2006.
- LIRA, José Tavares de, “Mots Cachês: lês lieux du mocambo à Recife”. *Genèses*, Paris, n. 33, décembre 1998, pp. 77-106.
- MEDEIROS, Lúcia, *Atendimento à pobreza no Rio de Janeiro durante a Era Vargas, do Albergue da Boa Vontade aos Parques Proletários: a atuação do Dr. Victor Tavares de Moura (1935-1945)* . Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado em Sociologia, UERJ, 2002.
- Melo, Marcus Andre B.C.de. *Estado, capital e política urbana na formação social brasileira : uma interpretação histórico-metodológica*. Universidade Federal de Pernambuco, Dissertação de Mestrado, 1982.
- MOURA, Victor Tavares de, *Esboço de um Plano para Estudo e Solução do Problema das Favelas do Rio de Janeiro*. Apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Jesuino de Albuquerque, Secretario Geral de Saúde e Assistência. Doc. Dactilografado, novembro , 1940.
- OLIVEIRA, Ney dos Santos, *Parque Proletário da Gávea: uma experiência de habitação popular*. Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano, PUR/UFRJ, Rio de Janeiro, 1981.
- PARISSE, Lucien, *Favelas do Rio de Janeiro – evolução-sentido*. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Pesquisas Habitacionais, 1969 (Caderno do CENPHA, 5)
- PINO, Julio César , Sources in the history of Favelas in Rio de Janeiro. *Latin American Research Review*, Albuquerque, v. 32, n. 3, 1997, pp. 111-122.
- TOPALOV, Christian (éd), *Laboratoires du Nouveau Siècle; la nebuleuse réformatrice et ses réseaux en France 1880-1914*. Paris: EHESS, 1999.

Introdução

O Arquivo Pessoal de Victor Tavares de Moura chegou as nossas mãos por intermédio da pesquisadora Lícia Valladares, da Universidade Cândido Mendes. Ela e um pequeno grupo de alunos/orientandos do URBANDATA consultavam o material para o projeto de pesquisa, intitulado “*Memória da Favela Carioca: médicos, pobreza e reforma social*”, na casa da filha do referido médico, Maria Coeli de Moura. Foi daí, então, que Licia nos propôs uma parceria: Maria Coeli doaria ao Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz o arquivo de seu pai que, com apoio da FAPERJ, pode ser organizado e agora disponibilizado para o público em geral.

Não demorou muito para percebermos o excelente material que tínhamos. Mesmo pequeno, se comparado aos demais arquivos pessoais que costumamos receber, era um capital importantíssimo para o estudo da história urbana do Rio de Janeiro, especialmente no que se refere às condições de vida, moradia e trabalho de extratos menos favorecidos da população.

Através da trajetória profissional do médico Victor Tavares de Moura, revelada pelas fotografias, correspondência, recortes de jornais e por sua produção intelectual, pode-se reconstruir historicamente aspectos talvez inéditos da política habitacional do então Distrito Federal, principalmente durante a década de 40.

Além de um instrumento de busca, este inventário é também um convite à reflexão sobre o processo de elaboração e implementação das políticas sociais brasileiras, desde os primeiros anos da República até os dias de hoje. Não podemos deixar de mencionar que, no momento em que este arquivo se torna público, a discussão sobre a expansão desordenada de favelas ganha as primeiras páginas dos jornais do Rio de Janeiro. O momento não poderia ser mais oportuno e nós esperamos poder contribuir de alguma forma para este debate.

Ana Luce Girão Soares de Lima

Chefe do Departamento de Arquivo e Documentação
Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz

Notícia Biográfica

Victor Tavares de Moura¹

Victor Tavares de Moura nasceu no Município de Nazareth, (PE) a 12 de abril de 1892, em tradicional família católica. Aos 14 anos ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, concluindo o curso em 1913 já na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se especializou em cirurgia.

Seguiu para a Europa onde, entre 1916 e 1918, fez cursos de especialização cirúrgica em Paris e Berlim, regressando ao Brasil, e ao seu estado natal, em consequência da 1ª Guerra Mundial. Em Recife ocupou, após aprovação em concurso, o cargo de Diretor do posto de Assistência anexo à Diretoria de Higiene e Saúde Pública.

Em 1920 casou-se com Maria Christina Bezerra Cavalcanti e em setembro do mesmo ano foi nomeado, interinamente, médico da Prefeitura de Garanhuns (PE), sendo efetivado logo depois. Lá realizou a campanha de combate ao surto de peste bubônica de 1922. Nesse mesmo ano nasceu, também em Garanhuns, sua única filha, Maria Coeli.

Em 1924 retornou ao Recife, onde continuou a exercer a função de médico sanitário, sendo nomeado em 1928 o 1º Diretor do recém construído Hospital Santa Francisca, no Município de Barreiros. Acumulou, entre 1928 e 1930, a esta atividade as funções de Chefe do Posto de Saneamento Rural e de Diretor do Centro de Saúde anexo ao hospital, em Barreiros.

Retornou ao Recife em novembro/dezembro de 1930, onde desempenhou a função de Epidemiologista da Saúde Pública de Pernambuco, entre 1931 e 1934. No início de 1935 transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde foi nomeado Médico da Prefeitura do Distrito Federal e, posteriormente, Assistente de Clínica Sifilográfica da então Diretoria Geral de Assistência Municipal, em 5 de abril de 1935, ato assinado pelo Prefeito Pedro Ernesto. Neste mesmo ano, exonerado daquela função, foi nomeado médico do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários (IAPB),

¹ Elaborada por Lidia Medeiros e Maria Coeli Moura a partir da consulta de documentos do Acervo DAD/COC/FIOCRUZ – Fundo Victor Tavares de Moura e do depoimento de Maria Coeli Moura.

assumindo interinamente, no mês de novembro, o cargo de Médico Chefe do Instituto a pedido do seu titular, Doutor Eliezer Magalhães. Foi efetivado no cargo de Diretor-Médico em 14 de abril de 1936 em virtude da saída do país do antigo diretor devido à sua vinculação à Intentona Comunista. Ainda em 1935 foi nomeado provisoriamente para a comissão do Instituto dos Comerciários do Rio de Janeiro.

Em 1937, com a saída de Renato dos Reis Paes Leme, foi nomeado Chefe do Albergue da Boa Vontade da Prefeitura do Distrito Federal pelo Interventor Federal Cônego Olímpio de Mello. Em 1938 deixou o Instituto dos Bancários em virtude da Lei de Acumulação, optando, então, pela permanência no cargo que ocupava na Prefeitura do Distrito Federal. Nesta instituição exerceu as funções de Adido Chefe e de Diretor, da Secretaria Geral de Saúde e Assistência, antiga Diretoria Geral de Assistência Municipal.

Em 13 de outubro de 1941 foi encarregado de formar uma Comissão para estudo do problema das favelas, em decreto assinado pelo Dr. Jorge Dodsworth, chefe de gabinete do prefeito. Posteriormente chefiou a comissão destinada ao estudo do problema dos Parques Proletários/favelas.

No dia 9 de janeiro de 1943 foi nomeado para a comissão que deveria organizar e chefiar o envio de trabalhadores para a Amazônia, em uma iniciativa denominada “Mobilização Econômica”, cujo objetivo era enviar homens para a extração de borracha. Por solicitação do Coordenador Interino da “Mobilização Econômica”, o Albergue da Boa Vontade ficou responsável pela realização dos exames médicos que serviriam como um dos critérios para a seleção dos trabalhadores.

Em 18 de março de 1943 foi nomeado Chefe do Serviço Social que, transformado em Departamento de Assistência Social, teve Tavares de Moura como o seu primeiro Diretor, nomeado a 11 de agosto de 1944, cargo que exerceu até 1947. Ainda no ano de 1947 foi nomeado membro do Conselho Fiscal da Fundação Leão XIII.

Paralelamente, como chefe do setor médico do I.A.P.B., organizou os Serviços Médicos do Instituto em todo o Brasil.

Em 18 de setembro de 1944 foi designado para a Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo, como professor da Cadeira de Medicina Social, e, posteriormente, de Sociologia, posição que ocupou até 13 de setembro de 1958, quando solicitou exoneração.

No dia 17 de fevereiro de 1949, a convite do Dr. Eivaldo Lodi, então Presidente da Confederação das Indústrias, assumiu o cargo de Chefe de Serviço para a Divisão Regional do SESI no Rio de Janeiro, onde permaneceu até 1953.

No ano de 1949 participou do I Congresso Americano de Medicina do Trabalho, em Buenos Aires, tornando-se membro titular da associação. Passou então a fazer parte da Sessão Brasileira da União Americana de Medicina do Trabalho (UAMT).

Atuou como Conselheiro da Federação de Assistência aos Lázarus e como membro da União Americana de Medicina do Trabalho, da qual foi Presidente e delegado até a sua morte. Como membro da U.A.M.T. compareceu ao 1º Congresso Americano de Medicina do Trabalho em Buenos Aires, apresentando tese sobre “Biotipo e Seleção Profissional” (1949), e ao X Congresso Internacional de Medicina do Trabalho em Lisboa (1951), no qual apresentou tese intitulada: “Proteção Social ao Trabalhador (uma experiência brasileira)”.

No ano anterior (1949) por Decreto da Constituição voltou ao I.A.P.B. como médico e depois como Diretor Médico em disponibilidade.

Em 1950 tornou-se sócio honorário do Centro de Estudos e Maternidade Dr. Henrique Baptista.

No ano de 1951 tornou-se membro efetivo da Associação Brasileira de Medicina do Trabalho.

Organizou o 2º Congresso Americano de Medicina do Trabalho, realizado no Brasil em 1952, ocasião em que foi agraciado com a medalha de ouro conferida ao “Homem que mais trabalhou pela Medicina Social nas Américas”. Nesse mesmo ano foi membro correspondente estrangeiro do Congresso promovido pela Sociedade de Medicina e Higiene do Trabalho, realizado em Santiago do Chile.

Em 25 de janeiro de 1955 foi designado para a Pós-Graduação da Escola de Enfermagem Raquel Haddock Lobo.

No ano de 1956 foi agraciado com o título de sócio honorário da Sociedade de Medicina do Trabalho do Uruguai, no II Congresso de Medicina do Trabalho realizado no mesmo país.

Apesar de cirurgião por especialização há muito trocara a Medicina curativa pela preventiva, dedicando-se inteiramente à Medicina Social e do Trabalho, à Prevenção de Acidentes e Doenças Profissionais, temas de sua predileção.

Faleceu a 23 de novembro de 1960.

Cronologia

Elaborada por Lidia Medeiros a partir de documentação do Acervo DAD/COC/FIOCRUZ – Fundo Victor Tavares de Moura.

1892

- Nascimento (Nazareth – PE).

1907

- Ingresso na Faculdade de Medicina da Bahia.

1913

- Formatura na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com especialização em cirurgia.

1912-1915

- Interno e assistente da Clínica Cirúrgica da Beneficência Portuguesa, sob a orientação do Dr. José de Mendonça.

1914(5)-1918

- Realiza cursos de especialização cirúrgica em Paris e Berlim.

1918

- Presta concurso para Inspetor Sanitário (Pernambuco).

1918-1919

- Professor da Escola Normal Pinto Júnior (Recife).

1918-1920

- Fiscal do Governo Federal da Escola de Odontologia do Recife.
- Cursos de Especialização (França e Alemanha).
- Médico da Santa Casa de Misericórdia do Recife.

1919-1920

- Diretor do Posto de Assistência anexo à Diretoria de Higiene e Saúde Pública do Estado de Pernambuco.

1920

- Casamento com Maria Christina Bezerra Cavalcanti.

1920-1923

- Médico da Prefeitura de Garanhuns.

1922

- Nomeado Inspetor Sanitário do Estado com exercício em Garanhuns para combate ao surto de peste bubônica.
- Nascimento da filha – Maria Coeli Moura.

1923

- Nomeado Fiscal do Governo do Estado do Colégio Santa Sophia, em Garanhuns.

1924-1935

- Médico sanitaria no Recife.

1928

- Nomeado primeiro diretor do Hospital Santa Francisca, em Barreiros.

1928-1930

- Chefe do Posto de Saneamento Rural e Diretor do Centro de Saúde, em Barreiros.

1930-1931

- Diretor do Hospital Santa Francisca e do Centro de Saúde Anexo, Barreiros (Pernambuco).

1931

- Médico do Centro de Saúde do Recife.

1931-1934

- Epidemiologista da Saúde Pública de Pernambuco.

1935

- Transferência para o Rio de Janeiro, onde ocupa o posto de médico da Prefeitura do Distrito Federal.
- Assistente de Clínica Sifiligráfica da Diretoria Geral de Assistência Municipal (nomeado por Pedro Ernesto).

- Médico do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários.
- Nomeado provisoriamente para comissão do Instituto dos Comerciários do Rio de Janeiro.

1936

- Médico-chefe do Instituto de Aposentadoria e Pensões do Instituto dos Bancários.

1937

- Nomeado chefe do Albergue da Boa Vontade.
- Elabora plano para o primeiro Refeitório Popular.

1938

- Deixa o Instituto dos Bancários.

1941

- Encarregado da Comissão para Estudo do Problema das Favelas.

1942

- Publicação do Relatório sobre Favelas.

1943

- Chefe da Comissão que organizou o envio de trabalhadores para a Amazônia.
- Nomeado chefe do Serviço Social da Prefeitura.

1944

- Diretor do Departamento de Assistência Social da Prefeitura.
- Nomeado pelo Prefeito para a presidência da Comissão incumbida do estudo e solução do problema das favelas/parques proletários.

1944-1958

- Professor de Medicina Social da Escola de Enfermeiras Rachel Hadock Lobo.

1945

- Preside banca de concurso para Agente Social.

1947

- Exonera-se do cargo de Diretor do Departamento de Assistência Social.
- Nomeado para o Conselho Fiscal da Fundação Leão XIII.
- Designado para a Comissão de Aquisição de Material do Estado (RJ).
- Recebe autorização para emitir atestados de pobreza.

1949

- Participa como membro titular do I Congresso Americano de Medicina do Trabalho – Buenos Aires, onde apresenta tese intitulada “Biotipo e Seleção Profissional”.
- Nomeado Chefe de Serviço para a Divisão Regional do SESI no Rio de Janeiro. Membro Titular do Primeiro Congresso Americano de Medicina do Trabalho. Associa-se à Seção Brasileira da União Americana de Medicina do Trabalho.
- Convidado pela PUC para lecionar na Escola de Serviço Social.
- Designado para o Departamento de Assistência Hospitalar da Secretaria Geral de Saúde e Assistência.
- Designado para o Departamento de Higiene da Secretaria Geral de Saúde e Assistência.

1949-1953

- Diretor de Coordenação e Execução de Serviço Social do SESI.

1949-1955

- Leciona Sociologia (Psicologia Educacional) na Escola de Enfermeiras Rachel Hadock Lobo (1955 – leciona para o curso de pós-graduação).

1950

- Diretor-Médico do Instituto de Aposentadoria e Previdência dos Bancários.
- Sócio-Honorário do Centro de Estudos e Maternidade Doutor Henrique Batista.

1951

- Participa do X Congresso Internacional de Medicina do Trabalho – Lisboa, onde apresenta tese intitulada “Proteção social ao trabalhador (uma experiência brasileira)”.
- Torna-se sócio-efetivo da Associação Brasileira de Medicina do Trabalho. Membro Titular da Comissão Internacional Permanente pela Medicina do Trabalho.

1952

- Presidente da Comissão Organizadora do II Congresso Americano de Medicina do Trabalho – Brasil.
- Membro Correspondente Estrangeiro da Sociedade de Medicina e Higiene do Trabalho de Santiago do Chile.

1955

- Designado para a pós-graduação da Escola de Enfermagem Rachel Hadock Lobo.

1956

- Sócio-Honorário da Sociedade de Medicina do Trabalho do Uruguai.

1958

- Aposentadoria da Prefeitura do Distrito Federal.

1960

- Falecimento.

Inventário Analítico

Ficha técnica

FORMA/DATA DE ENTRADA:

Doado por Maria Coeli Tavares de Moura em Janeiro de 2002.

GÊNERO OU ESPÉCIE E QUANTIDADE:

Documentos Textuais – 330; 0,56 m'

Documentos Iconográficos – 248

DATAS LIMITE:

1914-1965

ORGANIZAÇÃO:

O arranjo adotado para o Fundo Victor Tavares de Moura reúne séries formadas a partir dos seguintes critérios:

Temáticos

- Série Medicina Social: composta por 8 dossiês totalizando 283 documentos
- Série Medicina do Trabalho e SESI: composta por 3 dossiês totalizando 52 documentos
- Série Documentação Complementar composta por 102 documentos

Tipológicos

- Série Documentos Pessoais composta por 32 documentos
- Série Produção Intelectual composta por 18 documentos que receberam tratamento individual
- Série Impressos composta por 8 documentos que receberam tratamento individual e por 1 dossiê totalizando 33 documentos

Para a codificação dos dossiês foi estabelecido o seguinte procedimento metodológico:

Ex. **VT/DP/19140102**, em que

VT – Victor Tavares de Moura (sigla do fundo)

DP – Documentos Pessoais (sigla da série)

19140102 – data invertida do documento mais antigo do dossiê

Quando houver ausência total ou parcial de informações sobre a data dos documentos, utiliza-se o seguinte código:

9000 – quando faltar o ano;

20 – quando faltar o mês;

40 – quando faltar o dia.

Os dossiês (unidades de descrição) dentro de uma mesma série que porventura apresentem códigos idênticos serão acrescidos de um número de ordem, o qual definirá sua posição.

A quantificação dos documentos que aparece entre parênteses compõe-se de duas partes, onde o primeiro número corresponde aos documentos originais e o segundo às cópias.

CONTEÚDO:

Os documentos que compõem o Arquivo Victor Tavares de Moura estão organizados em seis séries:

Série Documentos Pessoais – reúne documentos que fornecem informações sobre a vida privada do titular destacando o diploma da faculdade de medicina.

Datas limite: 02 de Janeiro de 1914 e 22 de Junho de 1959.

Série Medicina Social – composta por 8 dossiês, reúne censos, questionários, nomeações, etc. que informam acerca da trajetória profissional do titular na área da Medicina Social. Merecem destaque os documentos do dossiê Parques Proletários e Favela que fornecem informações sobre a atuação do titular na remoção de moradores de favelas para novas áreas habitacionais, revelando aspectos da política social da então Prefeitura do Distrito Federal nos anos quarenta e as concepções vigentes sobre a população pobre da cidade, seu modo de vida e suas condições de moradia. Datas limite: 09 de Agosto de 1918 e 21 de Julho de 1956.

Série Medicina do Trabalho e SESI – composta por três dossiês contendo documentos que enfocam a atuação profissional do titular na área da Medicina do Trabalho. Merece destaque o relatório sobre a Conferência Internacional do Serviço Social que traça um panorama do serviço social na Europa e encaminha sugestões para o aperfeiçoamento do SESI.

Datas limite: 17 de Fevereiro de 1949 e 21 de Maio de 1956.

Série Produção Intelectual – Reúne trabalhos do titular e de terceiros abordando temas relacionados às favelas, habitações populares, previdência e seguro social. Destacamos o trabalho “Biotipo e Seleção Profissional” que consiste num método de seleção profissional baseado na experiência do Albergue da Boa Vontade. Este trabalho foi apresentado no I Congresso Americano de Medicina do Trabalho.

Datas limite: 1938 e 1957.

Série Impressos – Contém um dossiê reunindo recortes de Diário Oficiais e de jornais cujas reportagens e artigos abordam, principalmente, temas relativos à assistência e seguridade social, medicina, moradias populares e favelas. A série contém, ainda, livros, periódicos e impressos sobre medicina do trabalho.

Datas limite: 27 de Junho de 1937 e Julho de 1965.

Série Documentação Complementar – Esta série contém, principalmente, telegramas de pêsames e condolências por ocasião da morte do titular.

Datas limite: 23 de Novembro de 1960 e 22 de Janeiro de 1961.

CONDIÇÕES DE ACESSO:

Aberto à pesquisa sem restrições.

NOTA: Os documentos iconográficos estão sob a guarda do Setor de Arquivos de Imagem e Som.

SÉRIE DOCUMENTOS PESSOAIS

VT/DP/19140102

DOCUMENTOS TEXTUAIS (25+1) E FOTOGRAFIAS (6) contendo, respectivamente, diplomas da Faculdade de Medicina e da Sociedade Médica do Instituto dos Bancários; habilitação para exercer a profissão de motorista; requerimentos e certificados de tempo de serviço; certidões de nascimento e casamento; certificado de reservista com cópia; decretos do prefeito do Distrito Federal promovendo o titular de cargo; carteiras da Associação Brasileira de Imprensa, do Departamento de Alimentação da Prefeitura do Distrito Federal, do SESI, do Clube Municipal, do Conselho Regional de Medicina; lista de títulos e relação de trabalhos desenvolvidos pelo titular no Albergue da Boa Vontade e na Secretaria de Assistência e Saúde. Retratos do titular.

Recife, Rio de Janeiro, Upatininga (Pernambuco), de 02 jan. 1914 a 22 jun. 1959.
52 folhas

SÉRIE MEDICINA SOCIAL

Dossiê Parques Proletários e Favelas

VT/MS/19390207

DOCUMENTOS TEXTUAIS (63) E ICONOGRÁFICOS (143) contendo, respectivamente, apuração dos censos realizados nas favelas: Morro da Guarda, Fonte da Saudade, Largo da Memória, Morro Seco, Buraco Quente, Estrada da Gávea, São Vicente, Cezar Duarte, Olaria, Praia do Pinto (Cidade Maravilhosa), Humaitá, Catacumba, Cabritos, Cantagalo, Querosene, Santo Antônio, Hípica, Jockey Club, Esqueleto, Variante Rio-Petrópolis; relação geral do inquérito social feito em favelas; esboço de um plano para estudo e solução do problema das favelas; relatório e programa de trabalho da Comissão instituída para estudar o problema das favelas; relatório informando sobre os grupos de habitantes do Largo da Memória a serem observados; manuscrito com normas de funcionamento da Comissão das Favelas; questionários do serviço censitário da Comissão de Estudo do Problema das Favelas; ficha para inquérito social e ficha fisiossômática; regulamento para os associados da Luz do Morro Macedo Sobrinho; relatórios dos Parques Proletários Provisórios com prestação de contas; relatório da Comissão para o Estudo dos Problemas dos Parques Proletários informando a localização dos parques, administração e exame das contas; fatura referente a obras do Parque Proletário nº 1; estatística do Parque Proletário nº 1; plano para organização de uma escola de trabalho para meninos do Parque Proletário nº 1; notas e sugestões sobre Parques Proletários Provisórios, enfocando limpeza, refeitório, incidência de doenças, problemas com crianças; ofício da Secretaria Geral de Saúde solicitando autonomia econômica aos Parques Proletários Provisórios e aprovação de contas; informações fornecidas pelo Departamento de Obras sobre o terreno onde foi construído o Parque Proletário nº 4 (Amorim); fragmento de um texto descrevendo as providências tomadas para a extinção das favelas, a construção dos Parques Proletários Provisórios e os resultados obtidos; providências para a organização da União das Mães dos Parques Proletários; convite para a festa dos expedicionários do Parque Proletário da Gávea; termo de compromisso regulamentando o pagamento de mensalidades e as condutas a serem observadas pelos moradores dos Parques Proletários Provisórios; Plano de Reintegração Social do Menor no Parque Proletário dispendo sobre horário, lazer e vantagens; comunicação sobre cessão e transferência para a Prefeitura de terreno situado na rua Marquês de

São Vicente e sobre isenção de impostos dos apartamentos a serem construídos pelo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes; orientação disposta sobre as condições para a construção de casas populares (Parque Proletário nº 3 – Praia do Pinto); oração ao trabalho; carta de agradecimento por serviços prestados enviadas por Jesuíno de Albuquerque (Secretário Geral de Saúde e Assistência) ao titular; decreto da Presidência da República criando o Instituto da Casa Popular; considerações sobre a criação da “Cidade Vicentina” e organização dos Parques Proletários Provisórios; manuscrito enfatizando ser desnecessário à Prefeitura do Distrito Federal receber recursos da União para resolver o problema das favelas; sugestões para decreto, considerando crime contra a economia popular a construção de barracos; informações sobre Vila Proletária planejada para os terrenos do antigo Jardim Zoológico; apresentação de curta metragem sobre favela. Fotografias e um desenho retratando: construção dos Parques Proletários; dependências dos Parques; comemorações; atividades realizadas; visitas de autoridades (destacando o presidente Getúlio Vargas, prefeito Henrique Dodsworth, secretário Jesuíno de Albuquerque); favelas e desmonte de favelas.

Rio de Janeiro, de 07 fev. 1939 a 19 out. 1953.
241 folhas

Dossiê Albergue da Boa Vontade – nomeações

VT/MS/19350405

DOCUMENTOS (13+1) contendo nomeações do titular para a Clínica Sifiligráfica, para o cargo de chefe do Albergue da Boa Vontade; exoneração do titular do cargo de assistente da Clínica Sifiligráfica; resolução da Prefeitura no Distrito Federal provendo o cargo de diretor do Albergue da Boa Vontade; nomeação do titular para o cargo de médico do quadro permanente do Distrito Federal; comunicação informando a designação do titular para a comissão encarregada de estudar o problema das favelas; portaria designando o titular para organizar e chefiar os serviços de seleção de trabalhadores destinados à Amazônia; pedido de reclassificação no padrão de vencimentos do titular.

Rio de Janeiro, de 05 abr. 1935 a 15 jan. 1946.
26 folhas

Dossiê Albergue da Boa Vontade

VT/MS/19400226

DOCUMENTOS TEXTUAIS (10) E ICONOGRÁFICOS (56) contendo carta de agradecimentos enviada por um albergado ao titular; ficha da albergada Palmena Braga de Araújo; fragmento (1 folha) de relatório do Albergue; relatório do Albergue com mapa dos serviços prestados, trabalhos realizados e despesas; regimento interno do Albergue; plano para a criação de uma Casa Maternal; fichas não preenchidas do Albergue. Fotografias retratando: instalações do Albergue; comemorações; conferências; visitas de autoridades (destacando o presidente Getúlio Vargas, prefeito Henrique Dodsworth, cônego Olympio de Mello)

Rio de Janeiro, de 26 fev. 1940 a 28 jul. 1956.
22 folhas

Dossiê Pernambuco

VT/MS/19180809

DOCUMENTOS (13) contendo resoluções do Ministério da Justiça e Negócios Interiores nomeando o titular para inspecionar a Escola de Odontologia de Pernambuco; resolução do governo de Pernambuco nomeando o titular para o cargo de diretor do Posto de Assistência, anexo à Diretoria de Higiene e Saúde Pública; nomeações do titular para o cargo de médico do município de Garanhuns; nomeação do titular para o cargo de fiscal do governo de Pernambuco junto ao Colégio Santa Sophia; comunicações do Serviço de Saneamento Rural informando as nomeações do titular para os cargos de diretor do Hospital de Barreiros e chefe do Posto de Saneamento Rural, diretor geral do Hospital Santa Francisca e Centro de Saúde de Barreiros; abaixo assinado de funcionários do Hospital Santa Francisca e Centro de Saúde de Barreiros manifestando pesar pelo afastamento do titular do cargo de diretor; certidões atestando a nomeação do titular como médico do município de Garanhuns e seu tempo de permanência no cargo.

Rio de Janeiro, Recife, Garanhuns (Pernambuco), Barreiros (Pernambuco), de 09 ago. 1918 a 05 mai. 1949.
23 folhas

Dossiê Docência

VT/MS/19490331

DOCUMENTOS (4) contendo carta enviada pela Pontifícia Universidade Católica convidando o titular para lecionar na cadeira de administração de obras da Escola de Serviço Social,; portarias (2) da Prefeitura do Distrito Federal designando o titular para lecionar na cadeira de sociologia da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo.

Rio de Janeiro, 31 mar. 1949 a 25 jan. 1955.

6 folhas

Dossiê Depto de Assistência Social – nomeações

VT/MS/19440811

DOCUMENTOS TEXTUAIS (08) E ICONOGRÁFICOS (03) contendo, respectivamente, decretos e portarias dispendo sobre nomeações e dispensa do titular do Departamento de Higiene e Assistência Social, posteriormente Departamento de Assistência Social, e da Secretaria Geral de Saúde e Assistência; parecer do D.A.S. sobre sugestões apresentadas pela Fundação Leão XIII para resolver o problema das favelas, onde o titular chama atenção para os gastos excessivos; portaria da Prefeitura do Distrito Federal nomeando o titular para o Conselho Fiscal da Fundação Leão XIII. Fotografias retratando solenidade de posse da diretoria.

Rio de Janeiro, de 11 ago. 1944 a 13 jan. 1948.

11 folhas

Dossiê Depto de Assistência Social

VT/MS/19442040

DOCUMENTOS (16) contendo anteprojeto de Decreto-Lei para a criação do Departamento de Reeducação e Assistência Social, da Secretaria Geral de Saúde e Assistência, e sua justificativa enfatizando a importância desta iniciativa e da incorporação das entidades de amparo social já existentes, tais como: Albergue da Boa Vontade, Asilo São Francisco de Assis e Fazenda Modelo de Guaratiba; manuscrito, provavelmente do discurso de posse do titular; regulamento, relatórios e quadros demonstrativos

dos diversos órgãos e serviços daquela repartição e correspondência do secretário geral de Saúde e Assistência ao titular por sua colaboração. Correspondência enviada pelo titular a Luiz Capriglio (secretário geral de Saúde e Assistência) solicitando sua exoneração; cartas enviadas por Péricles de Carvalho (do Departamento de Imigração) e por Otávio da Rocha Miranda (presidente da Legião Brasileira de Assistência) manifestando pesar pela exoneração do titular; fichas do Departamento de Assistência Social; relatório enviado ao secretário geral de Saúde e Assistência expondo a situação do serviço social, apontando seus problemas e sugerindo medidas para a melhoria do serviço.

Rio de Janeiro, de 1944 a 09 jan. 1948
126 folhas

Dossiê Previdência Social

VT/MS/19351205

DOCUMENTOS (2) contendo Portaria do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários, determinando a contratação dos serviços do titular (entre outros); título emitido pelo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários dispendo sobre a contratação do titular.

Rio de Janeiro, 05 dez. 1935.
3 folhas

SÉRIE MEDICINA DO TRABALHO E SESI

Dossiê Participação em Congressos e Consultoria

VT/MT/19501130

DOCUMENTOS TEXTUAIS (3) E ICONOGRÁFICOS (22) contendo, respectivamente, relatório sobre a Conferência Internacional do Serviço Social e o V Congresso Internacional de Psiquiatria, destacando a ausência, na Europa, de uma Instituição Patronal com a amplitude e o aparelhamento do SESI, ficando o serviço social ligado ao Estado. O relatório encaminha sugestões de atividades para o aperfeiçoamento do SESI; plano de organização do II Congresso Americano de Medicina do Trabalho dispendo sobre o temário, membros das comissões e solicitando o apoio do governo brasileiro; plano de desenvolvimento para os serviços clínicos e médico-sociais da Companhia Usinas Nacionais. Fotografias retratando o I Congresso Internacional de Medicina do Trabalho, em Lisboa, e o II Congresso Americano de Medicina do Trabalho no Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro, 30 nov. 1950 a 28 set. 1952

45 folhas

Dossiê Diplomas e Nomeações

VT/MT/19490217

DOCUMENTOS (10) contendo nomeações do titular para chefe de coordenação assistencial do SESI, membro titular da Comissão Internacional Permanente pela Medicina do trabalho; diplomas de sócio titular da União Americana de Medicina do Trabalho, de membro titular do I Congresso Americano de Medicina do Trabalho, sócio honorário do Centro de Estudos Maternidade Dr. Henrique Batista, sócio efetivo da Associação Brasileira de Medicina do Trabalho, membro correspondente estrangeiro da Sociedade Chilena de Medicina e Higiene do Trabalho, sócio honorário da Sociedade de Medicina do Trabalho do Uruguai.

Rio de Janeiro, Montevidéu (Uruguai), Buenos Aires (Argentina), Genebra (Suíça), Santiago (Chile), de 17 fev.1949 a 21 mai. 1956.

10 folhas

Dossiê SESI

Fotografias (17) retratando instalações e atividades do SESI; visitas de autoridades (destacando o presidente Eurico Gaspar. Dutra, o jornalista Assis Chateaubriand e dr. Evaldo Lodi)

[Rio de Janeiro, 1949 a 1956]

SÉRIE PRODUÇÃO INTELECTUAL

VT/PI/19382040

Moura, Victor Tavares de. “Albergue da Boa Vontade – Refeitórios Populares” IN: **Boletim da Secretaria Geral de Saúde e Assistência** (Separata). Rio de Janeiro, Tipologia São Benedito, 1938.

Relatório sobre a instalação de um refeitório popular anexo ao Albergue da Boa Vontade. A publicação contém uma dedicatória do pelo titular escrita em outubro de 1949.

Rio de Janeiro, 1938

10 folhas

VT/PI/19432040

Moura, Victor Tavares de. “Favelas do Distrito Federal” IN: **Aspectos do Distrito Federal**. Rio de Janeiro, 1943.

Conferência proferida em 03/03/42, na Academia Carioca de Letras.

Rio de Janeiro, 1943

10 folhas

VT/PI/19451017

Dodsworth, Henrique. **Favelas**

O texto enfatiza a ação da Prefeitura no combate às favelas através dos Parques Proletários Provisórios e a necessidade de ações coordenadas dos setores Federal, Estadual e Municipal.

Rio de Janeiro, 17 out.1945

4 folhas

VT/PI/19491201

Moura, Victor Tavares de. **Biotipo e Seleção Profissional**

Resumo de um método de seleção profissional aplicado em homens desempregados.

O trabalho é baseado na experiência do Albergue da Boa Vontade e foi apresentado no I Congresso Americano de Medicina do Trabalho, realizado em Buenos Aires entre 01 e 15/12/1949.

Rio de Janeiro, 01 dez. 1949.
21 folhas

VT/PI/19512040

Moura, Victor Tavares de. **Proteção Social ao Trabalhador. Uma Experiência Brasileira.** Brasil, SESI, 1951.

Trabalho apresentado no X Congresso Internacional de Medicina do Trabalho, realizado em Lisboa em 1951. O trabalho enfatiza a importância e o crescimento da seguridade social, bem como aspectos legais que possibilitaram a criação e a atuação do Serviço Social da Indústria.

Idem IN: Atualidades e Debates

Rio de Janeiro, 1951
29 folhas

VT/PI/19570108

Moura, Victor Tavares de. [**Aspectos da Favela**]

Palestra proferida no Rotary Club, em 08/01/57. O texto apresenta um histórico das favelas cariocas e suas características, tais como o tipo de habitação, profissões, doenças etc.

Rio de Janeiro, 08 jan. 1957
21 folhas

VT/PI/90002040.1

Moura, Victor Tavares de. **À Margem da Batalha** s.n.t.

Texto sobre favela: origens do termo e da primeira favela carioca situada no Morro da Providência.

[RJ]
3 folhas

VT/PI/90002040.2

Moura, Victor Tavares de. [**Favela**] s.n.t.

Manuscrito abordando histórico da favela situada no Morro da Providência.

[RJ]

2 folhas

VT/PI/90002040.3

[?] **O Homem e a Habitação.** Rio de Janeiro, s/d

Fragmento (1 página) de texto sobre a evolução do homem e o desenvolvimento da habitação.

1 folha

VT/PI/90002040.4

Moura, Victor Tavares de. [**Seguro Social**] s.n.t.

Manuscrito sobre as finalidades do Seguro Social.

[RJ]

2 folhas

VT/PI/90002040.5

Moura, Victor Tavares de. [**Providência e Seguro Social**] s.n.t.

Manuscrito sobre Previdência e Seguro Social, dispendo sobre objetivos, organização e seguro privado.

[RJ]

VT/PI/90002040.6

[?] **Medicina Social** s.n.t.

O texto enfoca a evolução da medicina social, objetivos e relações com outras áreas do saber.

6 folhas

VT/PI/90002040.7

[?] [**Males Sociais e suas Causas**] s.n.t.

Fragmento de um texto abordando as fontes do desgaste social. Os fatores apontados podem ser herdados ou adquiridos (debilidade mental, epilepsia, incapacidade física) ou ter origem no meio físico ou ambiente social.

2 folhas

VT/PI/90002040.8

[Moura, Victor Tavares de.] [**Favelas e Habitações Populares**] s.n.t.

Texto apresentado em palestra, enfocando as características das favelas do Rio de Janeiro (Gávea, Largo da Memória, Cidade Maravilhosa), outros tipos de habitação popular (estalagem, cortiço, casa de cômodos, cabeça de porco) e as tentativas da Prefeitura para solucionar o problema.

8 folhas

VT/PI/90002040.9

[?] **A Influência da Habitação na Profilaxia e Tratamento das Doenças Cardiovasculares** s.n.t.

O texto destaca a importância da habitação no tratamento das cardiopatias, considerando sua influência nas causas das doenças.

4 folhas

VT/PI/90002040.10

Moura, Victor Tavares de. **Aspectos Geográficos, Alimentares e Sociais dos Estados do Nordeste Brasileiro** s.n.t.

O texto enfoca, principalmente, a zona da mata nordestina, descrevendo o tipo de solo, vegetação, hábitos da população, economia etc.

7 folhas

VT/PI/90002040.11

[Moura, Victor Tavares de.] [**Doenças Sociais e Eugenesia**] s.n.t.

Caderno com anotações sobre doenças sociais e eugenia.

16 folhas

VT/PI/90002040.12

[Moura, Victor Tavares de.] **Aspectos Sociais das Habitações e Conjuntos**
s.n.t.

Palestra apresentada aos alunos da Pontifícia Universidade Católica.

O texto relaciona as condições da moradia e a ocorrência ou não de problemas médico- psico- sociais, apresentando exemplos observados nos Parques Proletários Provisórios.

[Rio de Janeiro]

15 folhas

SÉRIE IMPRESSOS

Dossiê Recortes de Jornais

VT/IMP/19370628

DOCUMENTOS (33) contendo recortes de Diários Oficiais dispendo sobre o processo relativo à Chácara das Catacumbas, designação do titular para a Escola de Enfermeiras Haddock Lobo; reclassificação de padrão de vencimentos; aposentadoria e voto de pesar pela morte do titular; recortes de jornais com reportagens sobre o Albergue da Boa Vontade e o Parque Proletário; venda de terrenos na Chácara das Catacumbas; X Congresso Internacional de Medicina do Trabalho; anúncio funerário e convite para a missa de 7º dia do titular; folder do I Congresso Americano de Medicina do Trabalho; lista de membros e estatuto da Comissão Internacional Permanente de Medicina do Trabalho; caderno com recortes de jornal e fotografias sobre o Albergue da Boa Vontade; caderno com recortes de jornal. As reportagens e artigos abordam, principalmente, temas relativos à assistência social, medicina, política, moradias populares, favelas, seguridade social, economia, trabalho, entre outros.

Rio de Janeiro, Buenos Aires, Montevideu, Genebra, 28 jun. 1937 a fev. 1961
263 folhas

VT/IMP/19431240

Vasconcellos, Ivolino de. "Ramazzini, o Pai da Medicina do Trabalho" In: **Revista Médica Brasileira** 1943, Tomo XV, nº 6, separata.

Texto sobre a vida e obra do médico italiano Bernardino Ramazzini.

[Rio de Janeiro] 1943

6 folhas

VT/IMP/19492040

Ramazzini, Bernardino. **Disertacion Acerca de las Enfermedades de los Trabajadores**. Buenos Aires, Union Americana de Medicina del Trabajo, 1949.

Tradução do original escrito em latim, publicado em 1703. O texto descreve as enfermidades a que estão expostos os trabalhadores de acordo com sua ocupação.

Buenos Aires, 1949
109 folhas

VT/IMP/19520920

UNIÃO AMERICANA DE MEDICINA DO TRABALHO. **II Congresso Americano de Medicina do Trabalho**. Rio de Janeiro, U.A.M.T., 1952.

Programa do II Congresso Americano de Medicina do Trabalho.

Rio de Janeiro, 1952
40 folhas

VT/IMP/19522040.1

UNIÃO AMERICANA DE MEDICINA DO TRABALHO. **II Congresso Americano de Medicina do Trabalho**. Rio de Janeiro, U.A.M.T., 1952.

Informações e regulamento do II Congresso Americano de Medicina do Trabalho.

Rio de Janeiro, 1952
10 folhas

VT/IMP/19522040.2

UNIÃO AMERICANA DE MEDICINA DO TRABALHO. **Homenaje al II Congreso Americano de Medicina del Trabajo**. Rio de Janeiro, U.A.M.T., 1952.

Homenagem prestada ao Brasil , pela Secretaria Geral da União Americana de Medicina do Trabalho, decorrente da organização do II Congresso Americano de Medicina do Trabalho.

Buenos Aires, 1952
48 folhas

VT/IMP/19601240

SOCIEDAD DE MEDICINA DEL TRABAJO DEL URUGUAY. **Revista de medicina Social y del Trabajo**. Montevidéu, SMTU, 1960.

Revista com artigos sobre medicina do trabalho e informa es sobre congressos. O periódico traz uma comunica o sobre a morte do titular, bem como uma dedicatória do dr. Arias (do Conselho Diretivo da Sociedade)   família do titular.

Montevidéu, dezembro 1960.

32 folhas

VT/IMP/19610140

SOCIEDAD ARGENTINA DE MEDICINA DEL DEPORTE Y DEL TRABAJO. **Medicina del Trabajo** n  217. Buenos Aires, S.A.M.D.T., 1961.

Revista com artigos sobre medicina do trabalho. O periódico traz um artigo sobre o titular.

Buenos Aires, janeiro 1960.

24 folhas

VT/IMP/19650740

SOCIEDAD ARGENTINA DE MEDICINA DEL DEPORTE Y DEL TRABAJO. **Medicina del Trabajo** n  270- 271. Buenos Aires, S.A.M.D.T., 1965.

Revista com artigos sobre medicina do trabalho. A publica o cont m um cartão enviado pela dire o   Cristina Tavares de Moura.

Buenos Aires, julho 1965.

23 folhas

SÉRIE DOCUMENTAÇÃO COMPLEMENTAR

VT/DC/19601123

DOCUMENTOS (102) contendo listas de pessoas presentes no funeral do titular e na missa de sétimo dia; carta de condolências enviada pela Sociedade de Assistência aos Lázaros; cartão de pêsames enviado pela Pró-Matre; cartão de pêsames enviado por Jandyra Café; telegramas de pêsames enviados por Armandinho e filhos (Brasília), José Durval e Ivete (Rio de Janeiro), Lily Angela (Recife), Nina Saldanha (Rio de Janeiro), Edith Riedel (Rio de Janeiro), Bruno e família (Rio de Janeiro), Nitinha Ximenes (Rio de Janeiro), Mário e Lúcia (Recife), Neuza e Lauro (Recife), Lucila e Oscar (Recife), Tarcillo Fasião e Irene Baruch Fasião (Rio de Janeiro), Benjamin Guimarães (Rio de Janeiro), Glorinha, Ina e Marina (Rio de Janeiro), Aurélio Novaes (Rio de Janeiro), Yolanda Noce de Castro (Rio de Janeiro), Lenira (Recife), Helena e Arthur (Recife), Naninha e Lenira, Rosaly Farrulla (Rio de Janeiro), Celsa, Barros Lima, Maria José e família (Recife), Maria José e Armando (Recife), Álvaro Dória e senhora (Rio de Janeiro), Cacilda (Rio de Janeiro), Fernando Vieira de Carvalho e família (Rio de Janeiro), Fernando e filhos (Brasília), Maria Teresa Vidigal (Rio de Janeiro), Magalhães Melo e Tereza (Recife), Rosinha, José Otávio, Teresa, Lúcio e Carolina (Recife), Antonieta, do Carmo, Letícia e Etelvino Lins (Brasília), Alberto, Lila e filhos (Recife), Victorino Rio (Rio de Janeiro), Jorge Xavier e família (Recife), Antenor Leandro da Costa e filha (Rio de Janeiro), Francisco D'Angelo (Rio de Janeiro), Jarbas (Brasília), Raulita (Recife), Zuleick (Goiana-PE), Nanie, José e Marina (Recife), Padre Leal (Recife), Dulce Monteiro e filhos (Recife), José Pontes Vieira (Rio de Janeiro), Ruth e Renata (Petrópolis), Dolores, Alvisio e filhas (Recife), Chiquita Souto e filhos (Recife), Alexandre Garcia e senhora (Rio de Janeiro), Laurinha e Alice (Recife), Helena Gouveia e filhos (Rio de Janeiro), Lygia e Nelson (Recife), Palmira e filhos (Feira de Santana-BA), Itan Guimarães (2) (Feira de Santana- BA), Consuelo, Dorinha e Maurício (Recife), Dolores e filhos (Recife), Nelson e Miriam (Recife), Carlota Freitas (Recife), Judith e Renato (Recife), Artur Tineh (Recife), Judilita Carneiro (Salvador), Aloísio da Silva (Rio de Janeiro), Couto e Silva Lolita (Rio de Janeiro), Ivete Clavo de Virgilis (Rio de Janeiro), Sérgio Magalhães (Brasília), Carlos e Maria (Recife), Carlos Moraes, Fernanda, Miguel Studart (Recife), João Lopes e Senhora (Recife), Aurora e Luiz (Recife), Elvira, Pedro Santodias (Recife), Naninha, Helena, Arthur (Recife), Mário Lins e Mello (Recife), Oliveira Neto (São Paulo), Eunice Rosalinho (Recife), José Brandão (Recife), Alfredo Vieira (Recife), Neuza,

Sérgio e Rômulo (Recife), Inaya e Luciano (São Paulo), Edmundo Vaccani (Rio de Janeiro), Nita e Novaes Filho (Brasília), Celita (Feira de Santana- BA), Heloysa (Recife), Moacir dos Anjos (Recife), Carlos Portinho e Senhora (Rio de Janeiro), Herbert Moses (Rio de Janeiro), David Guaspari (Porto Alegre), Gaspar Ita (Porto Alegre), Do Carmo e Armandinha (Recife), Maury (Porto Alegre), Maurício Guimarães (Rio de Janeiro), Padre Diegues (Maceió), Maugicela Campelo e Família (Rio de Janeiro), Lia e Jorge Fani (Brasília).

Rio de Janeiro, Recife, Brasília, São Paulo, Porto Alegre,

De 23. nov. 1960 a 22 jan. 1961

107 folhas

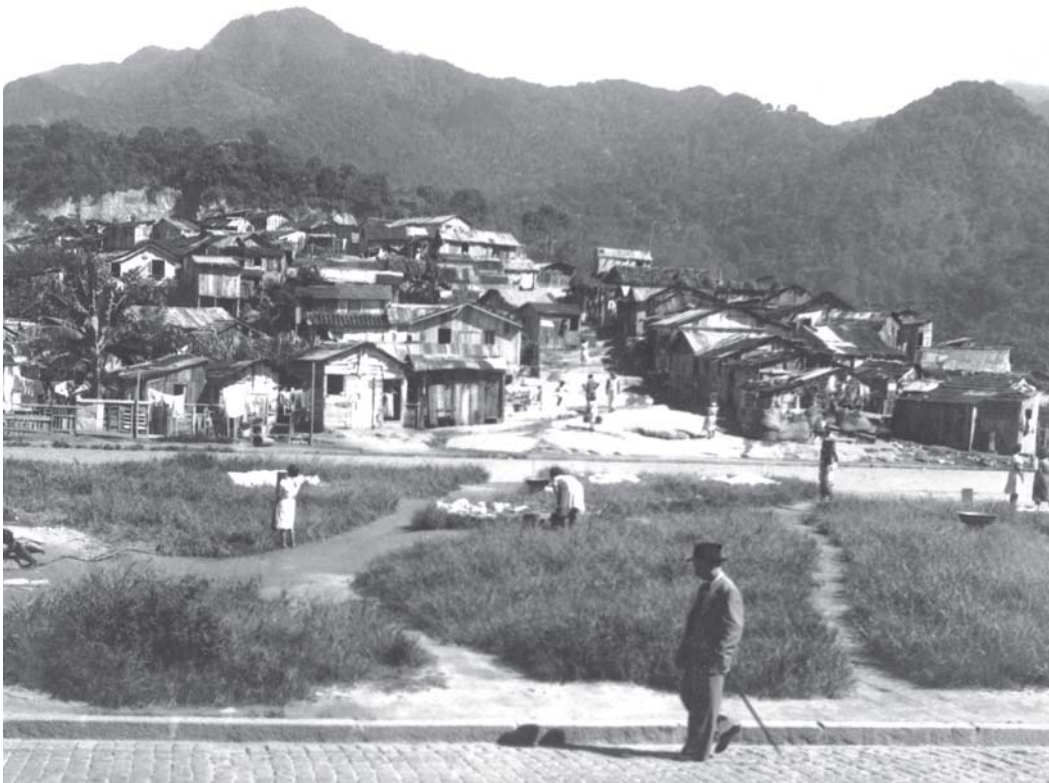
Imagens

Visita do
Presidente
Getúlio Vargas
ao Albergue da
Boa Vontade –
RJ [20/06/1941]
- Código - VT/
MS/19400226



Dr. Victor
Tavares de
Moura -
Código - VT/
DP/19140102



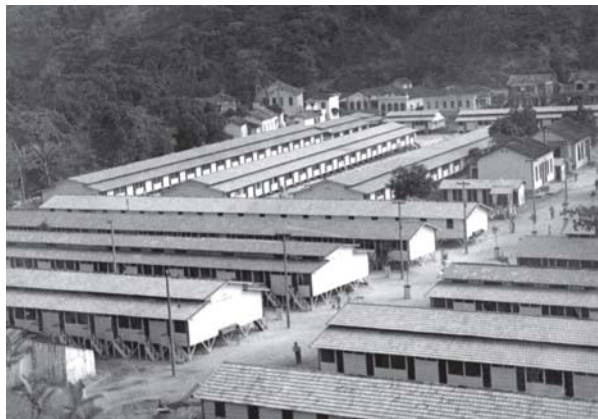


Favela Largo da
Memória – RJ –
Código - VT/MS/
19390207



Desmonte da
Favela Largo da
Memória – RJ –
Código - VT/MS/
19390207

Vista do Parque
Proletário
Provisório nº 1 –
Gávea – RJ -
Código - VT/MS/
19390207



Construção do
Parque
Proletário
Provisório nº 1 –
Gávea – RJ -
Código - VT/MS/
19390207



Início da
construção do
Parque
Proletário
Provisório nº 3 –
Praia do Pinto –
RJ - Código - VT/
MS/19390207





Visita do
Presidente
Getúlio
Vargas ao
Parque
Proletário
Provisório nº
1 – Gávea –
RJ – 1944 -
Código - VT/
MS/19390207



Casas experimentais no Parque Proletário
Provisório nº 1 – Gávea – RJ - Código - VT/
MS/19390207



Casas experimentais no Parque Proletário
Provisório nº 1 – Gávea – RJ - Código - VT/
MS/19390207



Favela da
Praia do
Pinto/ Cidade
Maravilhosa.
Construção
do Parque
Proletário
Provisório nº
3 – Praia do
Pinto – RJ -
Código - VT/
MS/19390207



[Desmonte da Favela Largo da Memória – RJ]
- Código - VT/MS/19390207

Visita do
Prefeito do
Distrito
Federal
Henrique
Dodsworth, do
Secretário de
Assistência
Clementino
Fraga,
médicos e
jornalistas ao
Albergue da
Boa Vontade.
RJ – 1939. -
Código - VT/
MS/19400226



Grupo de
albergados.
Albergue da
Boa Vontade –
RJ 27/10/1940
- Código - VT/
MS/19400226



DR. VICTOR TAVARES DE MOURA

ALBERGUE DA BOA VONTADE

Refeitórios Populares

Separata do

BOLETIM DA SECRETARIA GERAL
DE SAÚDE E ASSISTÊNCIA

Tip. SÃO BENEDITO
Misericórdia, 85 - Tel. 42-3359
- RIO de JANEIRO -
- 1938 -

Trabalho do
titular sobre
o Albergue
da Boa
Vontade -
Código VT/
PI/19382040

DR.VICTOR TAVARES DE MOURA

Médico cl. 94 - Matr. 7128

Diretor do Albergue.
Pd. 04.

ESBOÇO DE UM PLANO PARA ESTUDO E SOLUÇÃO

DO PROBLEMA DAS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO.

APRESENTADO AO

EXMO.SR.DR. JESUINO DE ALBUQUERQUE.

D.D.SECRETÁRIO GERAL DE SAUDE E ASSISTÊNCIA.

Novembro . 1940

Trabalho do
titular "Esboço
de um Plano
para Estudo e
Solução do
Problema das
Favelas"
Novembro/
1940 - Código -
VT/MS/
19390207

Entrevista

ENTREVISTA¹

Maria Coeli Moura² (filha de Victor Tavares de Moura)

Entrevistadora – *Gostaríamos de conversar com a senhora sobre a vida familiar do Dr. Victor, sobre seus avós, sobre a vida dele, a infância.*

Entrevistada – Ele teve uma origem, como quase todos no Recife, de senhor de engenho – embora com sangue azul, de nobreza -, mas se o meu avô era senhor de engenho naquela época, era também um homem muito avançado, porque não ficou apenas como um senhor de engenho, ele teve o dom, o bom senso de levar os filhos para os estudos. Então, ele teve, entre eles, um filho advogado, um bispo e papai, que foi estudar medicina aos 14 anos. Ele tinha uma visão muito grande. E ele nunca teve escravatura, tinha uns empregados que eram titulados como escravos, mas, quando houve a Lei Áurea, ele deu a carta de alforria porque era lei, mas na realidade eles nunca foram tratados como escravos. Tenho uma vaga idéia de um escravo que tinha muita liberdade, que comia na mesa com ele – foi o único que foi embora porque não tinha mais o que esperar da liberdade. E papai teve vida muito rural, mas com 14 anos e meio ele, primeiro, foi estudar no seminário diocesano de Olinda. Naquela época, não sei agora, as pessoas não iam estudar no seminário só para seguir a carreira religiosa, mas era também o ensino da época, o que devia corresponder ao ensino primário, depois a Primeiro e Segundo não sei bem o grau, porque naquela época era diferente. De lá ele, então com 14 anos e meio, - tanto que ele foi o benjamim da turma porque se formou muito cedo - foi estudar medicina na Bahia. Antes de terminar o curso ele se transferiu para a Universidade do Rio de Janeiro, onde se formou. Fez especialização em cirurgia e foi o primeiro assistente do José de Mendonça, que era naquela época a sumidade cirúrgica no Rio de Janeiro. Com 22 anos - eu acho que ele se formou com 20 anos e meio - o vovô deu a ele a oportunidade de fazer a especialização cirúrgica em Paris e na Alemanha. Ele ficou um tempo em Paris e depois foi para a Alemanha para se especializar com o grande Fischer, que era um grande nome da época. Lá ele tinha um grupo de colegas brasileiros, e eles falavam português. Isso irritava muito a população porque era tempo

¹ Entrevista realizada no âmbito do Projeto Memória da Favela Carioca: médicos, pobreza e reforma social, uma parceria do URBANDATA-BRASIL com a COC/FIOCRUZ e o IUPERJ, realizada por Lidia Medeiros, Jacqueline Lima e Monique Batista, em 22/1/2002. Revisão feita por Lidia Medeiros com a entrevistada em 15/03/2005.

² Colaborou com Victor Tavares de Moura na qualidade de funcionária da Prefeitura do Distrito Federal. Trabalhou como pedagoga no Parque Proletário nº 1 – Gávea

de guerra. Ele assistiu a declaração do Kaiser, da guerra de 1914. Então, disse que o Kaiser puxou o sabre e disse “eu e a minha espada declaramos guerra ao Deus e ao mundo”. Então, papai falava português e aquilo irritava, mas eles já faziam aquilo de brincadeira. E ele tinha tipo de montenegrino, moreninho com cabelos pretos. Um dia, nessa brincadeira, ele se deu mal, porque foi prisioneiro de guerra e condenado à morte. Só que ele dividia o apartamento com um oficial da guarda imperial do Kaiser. Então ele declarou o conhecimento desse oficial e o oficial foi chamado. Papai disse que a impressão foi horrível, porque eram quase 5 horas da manhã, sentados à mesa, num banco, e o tal colega dele entrou naquele passo marcial. Então perguntaram: “Conhece este homem?” Então, disse que ele botou o sabre sobre a mesa e disse: “Pela minha pátria e minha honra. É um colega brasileiro, mora comigo”. E deu todas as fichas dele. Então houve mil desculpas do governo alemão, mas papai ficou furioso e então resolveu sair para a Holanda e se inscreveu na Cruz Vermelha Francesa para brigar contra os alemães. Você vê que era coisa de jovem! E a dona da casa não deixou ele tirar a bagagem porque o país estava em guerra. Então a bagagem ficou fechada, os marcos ficaram nos bancos e ele veio com um sobretudo, num trem de cargas para Amsterdã. Chegando em Amsterdã, ele viu o melhor hotel que tinha, pediu um frasco de scrubs de amônia, tomou um banho e procurou o cônsul. Então o cônsul foi até lá, porque o Embaixador Teffé mandou dar toda a assistência que ele precisava e tal. E a família quando começou a tomar conhecimento forçou dizendo que vovó estava doente, que era o único meio dele voltar para o Brasil. E no meio do Canal da Mancha, já no navio, ele recebeu o cabograma avisando que vovó estava bem. Então, ele foi obrigado a voltar para o Brasil. Veio para o Rio de Janeiro, mas logo depois foi para o Recife, onde trabalhou no Serviço de Odontologia, Secretaria de Saúde etc. Ele ocupava o cargo de Diretor do Posto de Assistência anexo à Diretoria de Higiene e Saúde Pública, que corresponde, hoje em dia, à Secretaria de Saúde. Naquela época era o governo do Dr. Borba, em Pernambuco. Ele estava com a casa montada para casar, quando o governo Borba saiu e automaticamente, o cargo dele que era de confiança, também. O irmão dele, o meu padrinho, Dom Moura, era o fundador da diocese da cidade de Garanhuns, o primeiro bispo, e o convidou para ser o médico da cidade e foi lá que eu nasci. Mas aí começou uma vida muito árdua, porque papai trabalhava muito com gente do bando de Lampião e de Manoel Silvino, quase no sertão. Embora seja uma cidade longe da capital, uma cidade fria, de dez graus às vezes – hoje tornou-se uma cidade turística. Por ocasião da peste bubônica, ele tomava muito soro, coitado, ficava muito inchado, tinha que levantar de madrugada para atender gente fora. Às vezes tinha um cinema, uma vez por semana tinha um filme premiado, quando estava no meio da fita aparecia na tela “chamado para o Dr. Moura”, então mamãe ficava com alguém e lá ia ele atender. E era uma vida muito sacrificada, mas, enfim, ele era o médico da cidade. Teve um camarada que mandou sortear um cabrito para poder dar o cabrito para papai. Então o que ele fazia? Ele mandou juntar um monte de papelzinho com uma pontinha preta, e o garoto que vinha pegar, pegava o da pontinha preta que era para ele ganhar. Claro que ele sempre foi uma criatura profundamente desprendida da parte material. Isso devia ser do temperamento dele, ele tinha por teoria que quando fazia

alguma coisa de bom, dizia: “Minha filha – para mamãe – não importa o que se faz e a quem faz, o que importa é que seja feito”. Tanto que naquela época do dr. Getúlio, papai procurava muito se esconder nas fotografias, ele não era uma pessoa que quisesse se projetar, a sua projeção era pelo valor intrínseco dele. Quando eu estava com quase 2 anos, a coisa estava muito difícil porque o pessoal não podia pagar e ele tinha a filha para criar. Saindo de lá, ele arrendou do cunhado – porque a família toda lida muito com essas coisas – um engenho que era onde o diabo perdeu as botas, num lugar horrível, chamado Capicuru. Eu não me lembro porque era muito pequenininha, mas tenho umas idéias de algumas coisas. Por exemplo, a gente ia pela estrada e a cobra estava enrodilhada para dar o bote. Uma vez eu passei e os trabalhadores mataram; ela aparecia dentro da cesta de roupa lavada, dentro de casa. E mamãe todo dia rezava às seis horas da tarde para sair daquele lugar. Um belo dia, papai botou o pé na bota e lá estava uma caranguejeira. Ainda não se sabia do antídoto e, por isso, ele sofreu muito, porque a mordida dela é muito forte, dói muito. Depois ele descobriu que uma papinha, mesmo fina, de bicarbonato de sódio com água sobre a lesão faz a dor passar. Algum tempo depois ele fez sociedade com dois pernambucanos em uma usina que ficava às margens do rio Una, que dividia a cidade de Barreiros. Já era governador o Estácio Coimbra. Nessa época, ele era diretor do hospital Santa Francisca. Então, unia o útil ao agradável: tinha a parte da medicina, como diretor do hospital na cidade e tinha a parte da sociedade na usina. Mas com a Revolução de 30 houve aquela luta e queimaram o hospital e depois, não lembro detalhes porque eu tinha apenas 7 ou 8 anos, mas o fato é que a sociedade dele com esses dois amigos se dissolveu. Ele ficou no departamento de higiene do Posto de Saúde por muito tempo, até que a convite do Cônego Olímpio Melo, papai veio para o Rio de Janeiro, onde foi nomeado por Pedro Ernesto médico da Prefeitura e assistente da clínica Sifiligráfica. Por uma coincidência, tio Agamenon (Magalhães) estava no Ministério do Trabalho.

Entrevistadora – *Como se deu esse convite?*

Entrevistada – O padre Olímpio requisitou ele para vir e ele veio. Então ele montou um pequeno consultório de medicina na Avenida Rio Branco. Quanto à minha memória, eu me lembro que o primeiro cargo que a prefeitura deu a ele foi de médico da Prefeitura em abril de 1935.

Entrevistadora – *Antes de a gente entrar nos aspectos mais específicos, acho que vale a pena falar um pouco mais das relações familiares, sobre os irmãos, por exemplo.*

Entrevistada – Eles eram 9 irmãos. Depois morreu uma e ficaram 8. Papai era o conciliador da família, era o irmão que unia. Papai e mamãe eram os cunhados chamados em todos os momentos difíceis da vida.

Entrevistadora – *Ele era o mais velho?*

Entrevistada – Não, era um dos mais moços. Por exemplo, ele morou muito tempo, quando solteiro, com o meu avô; ele morou com o mais velho que era industrial, Zequinha de Moura.

Morava com tia Candoca e tio José de Moura. Então, qualquer problema que se dava na família, Victor e Cristina eram as pessoas chamadas; talvez pelo temperamento. Por exemplo, esse meu tio mais velho, José de Moura, teve a infelicidade de perder três filhos: um numa viagem que ele fez à Europa, o menino teve tifo; anos depois, acho que minha tia já tinha morrido, veio o corpo para o Brasil; ele perdeu o filho mais velho aqui no Rio de Janeiro. Quem veio buscar o corpo foram meus pais. Quando chegou em Recife, ele disse: “Victor, eu não tenho coragem de assistir ao encontro de Cândida com o José Carlos. Eu queria mais a presença de vocês”. Quando chegou na vez do tio Francisco, ele teve cirrose atrófica, motivo das mortes do bispo, do papai, do tio Francisco, da vovó, eu não sei se era banho de rio, esquistossomo, naquela época, mas havia o problema da função hepática. Então, papai foi o irmão da transfusão de sangue, das noites mal dormidas, da presença. Enfim, ele era o conciliador e muito querido por todos eles e pelos sobrinhos. Tanto que quando ele comprou um sítio para mim aqui no Rio, o sonho dele era construir uma casa no terreno para um dos sobrinhos. Ele era muito, muito querido mesmo, tanto pelos sobrinhos pelo lado da mamãe como do lado da família dele. Por toda a vida ele foi conciliador. Era uma família de estirpe fina, todos muito finos, todos muito educados, todos muito amigos, família católica praticante, com um irmão bispo. Essa minha tia, mulher do Tavares de Moura, o mais velho, ela cegou antes de morrer e a preocupação dela não era pelo fato de estar cega, era que as pessoas não sofressem por causa dela. José de Moura era meigo, falava manso, “vô” Moura também, quer dizer, era uma família muito, muito unida, e além de unida, a família era bonita. Só ele que só teve um filho porque tio José de Moura teve 9, tio Artur teve 7, agora, ele teve uma irmã que teve ataque de eclâmpsia no quarto filho, deixando 3 meninas.

Entrevistadora – *Então os irmãos do Dr. Victor eram 6 homens e 3 mulheres, o bispo, Dr. Victor que era médico, tinha o industrial...*

Entrevistada – Tinha o tio Artur que era advogado, tinha o tio Chico, senhor de engenho, tio Alfredo morreu com 22 anos – desse eu não me lembro, não sei bem qual era a profissão dele porque ele morreu muito cedo.

Entrevistadora – *Alguns deles, além do Dr. Vítor, teve algum cargo público?*

Entrevistada – Ah, sim! Tio Artur foi a mão direita no governo do tio Agamenon, quer dizer, teve influência no governo e o filho dele foi secretário particular do tio Agamenon. Tio Artur era brilhante, era advogado. O tio José de Moura teve um filho, Armindo Moura, que acumulou uma fortuna aos 36 anos. Ele era grande amigo do tio Agamenon, era correligionário, tanto que se matou depois que Agamenon morreu.

Entrevistadora – *Artur Moura também trabalhava na Folha da Manhã com Agamenon?*

Entrevistada – Sim, e o filho dele, Gildo, foi secretário particular do tio Agamenon. Depois passou a ser o Jarbas Maranhão que é marido da Lourdinha filha de tio José de Moura, que é o senador.

Entrevistadora – *O Dr. Agamenon Magalhães era da família da sua mãe?*

Entrevistada – Não ele era amigo do tio Agamenon.

Entrevistadora – *Antes do casamento?*

Entrevistada – Antes mesmo do casamento de mamãe. E mamãe... eram três moças: tia Antonieta, que casou com o tio Agamenon; a Maria Carolina, a mais moça; e mamãe, a do meio, Maria Cristina. E tio Agamenon já era amigo de papai. Quando ele casou com tia Antonieta, eles já eram amigos. Eles eram muito unidos, tanto que eram compadres, papai batizou todos os filhos dele. O menino mais velho dele, que já morreu, dizia que o papai era pai dele também, o segundo pai. E os netos de tio Agamenon e os bisnetos eram todos apegados com ele. Papai conquistou a família dele e a família da mamãe. Tio Agamenon era um homem público e tinha uma vida mais movimentada, ele viajava muito.

Entrevistadora – *Em que ano o Dr. Tavares de Moura chegou ao Rio?*

Entrevistada – Foi março de 1935 e mamãe e eu viemos depois de navio, no dia 13 de junho de 35.

Entrevistadora – *Houve uma campanha em Pernambuco, de Ligas Sociais contra o Mocambo, a criação de vilas operárias, pelo Agamenon...*

Entrevistada – Sim, mas foi depois, ele já estava aqui.

Entrevistadora – *Então ele não chegou a participar dessa iniciativa junto com Agamenon Magalhães.*

Entrevistada – Não, nós já estávamos aqui. A campanha do mocambo, o trabalho social do tio Agamenon interessou muito a papai porque era um trabalho muito bonito, mas era diferente porque mesmo a condição social de Pernambuco era muito diferente da condição social do Rio de Janeiro. As casas lá eram dentro de mangue, dentro do manguezal. Então, tio Agamenon aterrava e lá em Pernambuco não há morro, então nós não temos o problema da favela no morro. Então tinha aquelas partes pobres. E tio Agamenon fez o seguinte: ele transformava em vilas, mas ele fez as vilas por profissões – vila das costureiras, vila das lavadeiras etc. Urbanizou assim, de acordo com a profissão. E foi esse o trabalho da Campanha do Mocambo, dessas casas de palafitas. Papai aqui, no serviço social dele, claro, estava muito ligado lá, porque a ele interessava. Só que a parte urbanística da cidade, as condições sociais de Pernambuco, tudo era diferente das condições do Rio de Janeiro.

Entrevistadora – *Mas eles chegavam a trocar idéias?*

Entrevistada – Ah, sim. E papai de vez em quando ia a Recife a convite para fazer conferência e era recebido pelos jornalistas. Ele tinha uma projeção.

Entrevistadora – *Nós gostaríamos de saber como foi a experiência Dr. Victor no Albergue da Boa Vontade.*

Entrevistada – Essa experiência para mim foi muito bonita, partiu muito do coração dele. Ele, quando chegou no Albergue, era um depósito noturno de pessoas desempregadas. Então ele resolveu transformar aquilo, quer dizer, orientar. Começou que as pessoas ao entrar eram identificadas, eram fotografadas, elas deixavam os objetos pessoais, se tivessem alguma coisa de valor. Elas recebiam à noite uma primeira alimentação, roupa limpa, um banho e dormiam em salões separados para homens e mulheres. Agora tinha sempre um vigilante à noite e papai não deixava que fossem acordados com campainha nem com nada dessas coisas. Ele achava que a pessoa amanhecer mal acordada e assustada não tinha um bom dia. Por esta razão, eles eram chamados um a um, e aí começava o trabalho. Eles tinham, digamos, 8 dias no Albergue. Em casos importantes, como sacerdotes, cientistas, repórteres, naturalmente que papai recebia no gabinete dele. Não é que ele desprezasse os outros, todos tinham a mesma atenção, mas houve casos, inclusive de pobreza envergonhada, colegas, ele não podia deixar de dar atenção. Ele fazia intercâmbio com o cais do porto, com o Moinho Fluminense, aos quais os albergados eram encaminhados para procurar um vínculo empregatício. Elas recebiam alimentação, acolhida e documentação. Muitos já saíam empregados porque ele fazia... o trabalho não era só ir lá dormir porque estava na rua, não. O camarada tinha que ter sua orientação. E era um lugar limpo, bem tratado. Todos os anos no dia de São Lucas, que é 18 de outubro, havia festas de aniversário do Albergue, eles faziam missa. Para essa missa todos os funcionários e amigos eram convidados, faziam almoço, ele comemorava e o albergue era realmente um lugar bonito. Tanto que, mais tarde, quando eu fui trabalhar no centro de recuperação de mendigos, eu tinha essa visão do papai. Quando eu era Secretária, Diretora de Planejamento, Secretária de Serviços Sociais, na Avenida 13 de maio, o saldo de uma verba do órgão foi destinada, a meu pedido, ao Centro de Recuperação de Mendigos, que estava sendo organizado. Esse serviço era diretamente ligado ao secretário e eu montei o serviço para o Dr. Vilar, organizei papéis, pranchetas, tudo direitinho. E tinha algo muito parecido com a parte de Albergue. Pelo menos, no atendimento e tal. Era diretor o Dr. Celestino, que me requisitou para fazer o orçamento do Centro de Recuperação de Mendigos, porque algumas vezes eu fui agente de orçamento do Estado, isto é, eu era a funcionária encarregada de fazer toda a planilha, todo o mapa orçamentário do que um departamento ou uma secretaria precisa.

Entrevistadora – *Em que época?*

Entrevistada – Ele já tinha morrido foi depois, na década de 1960. Eu fiz esse trabalho não somente para o departamento de cultura como fiz também para Dr. Celestino, se eu não me engano. Então essas verbas foram para o Centro de Recuperação de Mendigos, que eu agora não sei como está, não sei se continuam com o trabalho, não sei como é porque agora eu já estou afastada do Estado há muitos anos. Mas o Albergue foi um exemplo. Agora, se esse Albergue hoje – que tem o nome de João XXIII – continua sendo alguma coisa de louvável, eu não posso dizer.

Entrevistadora – *Eu li todas aquelas reportagens que o Dr. Victor e a senhora reuniram ao longo dos anos, e o que me chamou mais a atenção é que os jornalistas sempre destacavam o fato de ser aquela uma experiência totalmente inédita, de os outros albergues não copiarem aquele sistema.*

Entrevistada – Não, não.

Entrevistadora – *A senhora tem idéia de como o Dr. Victor formulou esse projeto?*

Entrevistada – Dele.

Entrevistadora – *Da experiência dele?*

Entrevistada – Tudo que partia de papai eu não tenho conhecimento de que ele fosse fazer porque tivesse visto isso em algum outro lugar.

Entrevistadora – *Eu acredito que, por exemplo, na questão da remoção das favelas, muitas das suas idéias tenham surgido da conversa com o Dr. Agamenon, idéias comuns talvez que eles tivessem.*

Entrevistada – No diário que manteve durante vários anos, ele conta muito bem como foi chamado para fazer um plano de desmonte de favela. Claro que ele tinha a concepção própria dele, mas também devia ter a concepção de um homem de visão, de um homem social, de um homem que lê, de um homem que vê as coisas em outros países, talvez algumas experiências, embora cada caso seja um caso, cada país seja um país. Agora, eu tenho a impressão que muito do trabalho de papai era uma coisa dele, inspiração dele, coração dele, porque ele era um homem que trabalhava com o coração, embora, algumas vezes - ele era muito amigo de Dom Távora, que era da Fundação Leão XIII - como amigos eles discordavam em pontos de trabalho porque o Dom Távora fazia, e era natural que fizesse, exclusivamente com a visão religiosa e o papai fazia o trabalho social com a visão religiosa, mas ao lado da visão técnica. Porque você não pode só pensar em fazer apenas a caridade, é preciso também fazer o ajuste. A caridade não é só você passar a mão na cabeça do que está errado, não é verdade? Você tem que fazer aquilo dando um seguimento de bem-estar para a pessoa. Quando o Lacerda tirou o Pasmado, eu tenho a impressão – eu trabalhava na secretaria – que ele tirou mais no sentido urbanístico da cidade, mas não no sentido social ou humano, porque ele tirou moradores da Zona Sul para a Vila Kennedy, em casas de mutirão. Quer dizer, não lembrou do reajuste profissional, pois se essa gente trabalha na Zona Sul e é jogada para o lado de lá vai haver um desajuste, não vai? De tempo, de sono, de convivência familiar, de atenção para com os filhos, tudo isso vai desaparecer porque você tem que trabalhar, de preferência. Esses itens preocupavam papai quando era do Instituto dos Bancários. Você tem que trabalhar perto também da sua residência porque o ser humano não é uma máquina que vai para lá e depois vem como um robozinho, não. E um homem que chega cansado do trabalho de noite numa Vila Kennedy, vindo da Zona Sul, já vai encontrar os filhos dormindo. Quando ele sair de madrugada ele não vai deixar também a

família dormindo? Então, que aproximação tem com a família? E o cansaço? E a despesa? E o desgaste?

Entrevistadora – *Essa era uma preocupação do Dr. Victor?*

Entrevistada – É, o ele tinha essa a preocupação, do serviço social como um todo. Se você vai fazer o social numa favela, você vai fazer, mas tem que pensar não somente na parte urbanística, no saneamento, na rua, na escadinha que sobe, na melhoria, mas você tem que estar com a atenção voltada para o homem, para o ser humano, porque o centro de uma favela, o elemento principal para você olhar é o ser humano. Por que é que você vai urbanizar ela? Por que é que você vai melhorar, vai botar água? Em função do ser humano, não é verdade? Você não vai fazer uma escada, você vai fazer a escada para o homem. Eu tenho a impressão que era assim, nesse sentido. Papai, quando fez os restaurantes populares – que agora o nosso governador (Garotinho) está encantado - na Praça da Bandeira aquele plano do primeiro e que não apareceu o nome dele, ele disse para mamãe: “Minha filha, isso não importa quem faça, o negócio é fazer”. Agora, fazer direitinho, fazer com desprendimento, não porque quer contar pontos, fazer porque quer se elevar quer sair nas manchetes de jornal e quando acaba, sai do governo, outro vem e não continua, que é o que a gente está vendo aí todo dia. Vem um, faz um bocado de coisa; o outro que veio, por vaidade, não continua. Ao não continuar uma coisa boa que foi feita vai prejudicar toda uma população. Não é o que você está vendo aí? Você vê esse negócio do metrô. Eu já devia estar com o metrô aqui há muito tempo. Sabei o... eu nem sei quem foi que abriu até aqui, foi o Moreira Franco, foi o Brizola, veio o outro e fechou. Agora veio o outro e vai fazer um pedaço até a Siqueira Campos, um pedacinho de nada, e isto aqui está tudo tapado em cima porque não fizeram. Quer dizer, é um tal de renovação, de um querer fazer mais que o outro. Não sei, não entendi porque eles não fizeram.

Entrevistadora – *O Dr. Victor tinha alguma filiação partidária?*

Entrevistada – Não. Ele não era político. Podia ter suas idéias, sua mentalidade, mas não era político e tinha um cuidado muito grande quando estava no Parque Proletário. Um que foi a época da eleição do Fiúza, lembra? Papai tinha muito cuidado, não deixava aparecer nada dessas coisas que pudessem... que estava se chamando, que estava atrapalhando. Se não me engano, num desses documentos que eu mandei para vocês, tem alguma coisa neste sentido.

Entrevistadora – *De acordo com os documentos que eu li, aparentemente se fazia uma distinção entre o mendigo e o desempregado, e o albergue pretendia atingir o desempregado, quer dizer, aquela pessoa que se desajustou pela falta do emprego e aí sua vida se desestruturou, e não aquele mendigo que já é um habitué da rua, já formou a sua vida na rua.*

Entrevistada – Pelo que você sente, porque era uma porção de gente que ia dormir lá, não é verdade? Todos os que procuravam recebiam comida e possivelmente recebiam uma orientação. Agora, eu não estou a par de todo mundo que passava lá. Eu sei que papai fez esse conchavo

porque na maioria das vezes, mendigo ou não, ele conseguia reestruturar o ser humano! A pessoa chega à mendicância porque chegou ao fundo do poço, mas se tem alguém que lhe dê a mão e ele tem a oportunidade de subir e tem capacidade, ele vai subir.

Então, não ia para o albergue porque estava desempregado, ia porque estava na rua, porque não tinha onde dormir, não era porque ele tivesse perdido o emprego naquele momento. Ali estava quem perdeu o emprego há pouco tempo, como também...

Entrevistadora – *Não havia essa distinção...*

Entrevistada – Não! Ali ele recebia caridosamente todo mundo que precisasse de comida. Agora, naturalmente procurava orientar. Eu acredito que ele, não sei, mas como nas favelas, ele deve ter feito encaminhamentos para policiais, encaminhamento para hospitais. É possível, não é, porque cada caso é um caso.

Entrevistadora – *Como era a resposta dessas pessoas que iam para o albergue? Eles aproveitavam as chances?*

Entrevistada – Sim, eles se empregavam e depois retomavam suas vidas.

Entrevistadora – *Alguns voltavam lá?*

Entrevistada – Bom, se eles voltavam lá para agradecer, essas coisas o papai não comentava. Isso a gente não sabe. A gente sabe que o trabalho andava. Agora, ele deve ter feito muitas amizades, porque era muito popular. Eu não duvido nada que ele de vez em quando lá no albergue não tivesse recebido uma pessoa que voltasse lá para dar uma prosinha com ele. Mas isso seria o dia-a-dia normalmente, natural dele, ele não botava isso no *curriculum*.

Entrevistadora – *A senhora chegou a trabalhar no Albergue?*

Entrevistada – Não. Eu entrei no estado em 1944. Aí quando ele fez outro plano de serviço social, o Albergue depois continuou sendo dele, porque o departamento fazia parte do organograma o Albergue, assim como o Asilo São Luiz. Ele era o diretor-geral do Departamento de Assistência Social. Então tinha o Albergue, o Departamento de Assistência Social propriamente dito, os parques, o serviço de recuperação de favelas e a parte propriamente das favelas. Enfim, eram diversos órgãos, diversos serviços que faziam parte de um departamento.

Entrevistadora – *A senhora sabe como foi a organização do departamento de assistência social?*

Entrevistada – Bom, esse salto eu tenho a impressão que ficou ligado ao problema do desmonte de favela.

Entrevistadora – *Ele sentiu a necessidade a partir dessa demanda?*

Entrevistada – Aí vêm os convites, não é? Aí vem o conhecimento do secretário, do funcionário

que ele tem. Então, do Albergue ele foi fazer o negócio da favela, aí reestruturou o Departamento de Assistência Social e junto foi dada a ele a diretoria do Departamento.

Entrevistadora – *A equipe do Albergue foi com ele para o Departamento?*

Entrevistada – Não. A equipe do Albergue, tanto quanto eu me lembro, aquele pessoal do Albergue trabalhou com papai lá no albergue e ficava cada um nas suas atividades. Ele trouxe do Departamento de Assistência Social para perto dele, o dr. Orestes – eu me lembro que o dr. Orestes veio com ele, porque quando eu entrei no serviço no Estado, no Departamento, eu fui designada para o Departamento de Assistência Social. Mas eu me lembro dos funcionários lotados no Albergue e continuando com aquele movimento. Aí o departamento que era criado, e como é que ele remanejou, botou esses funcionários lá, você sabe que um diretor quando assume precisa de um secretário, precisa de um datilógrafo, então ele deve ter tido e talvez este departamento que antes existia também tinha alguns funcionários lá. Essa parte burocrática eu não estava por dentro porque eu ainda não trabalhava lá. Depois, quando fui trabalhar já fui designada para o Parque 1. Eu trabalhava no Parque Proletário nº 1, fazia a triagem psicológica das crianças. Depois de lá, quando papai saiu, então eu fui convidada para fazer o histórico da Secretaria de Saúde, no Serviço de Informação Sanitária, por um colega dele que estava chefiando. Mas quando eu lá cheguei, eles tinham recebido a biblioteca do velho Moncorvo Filho. Então me deram esse trabalho e foi aí que entrei na biblioteconomia, por causa dessa biblioteca. E aí eu fiquei até quando se fundou depois o Centro de Estudos e eu passei a chefiar a Biblioteca do Centro de Estudos Médicos. Depois o Romano me mudou, em 48 horas, com os meus milhares de livros e tudo, para o térreo do Pedro Ernesto. Era uma maravilha, tudo muito bom, mas foi uma corrida, um colega me ajudou, você pode imaginar aquela livraria toda, livros, fichários, a gente mudar assim, de repente, tudo é muito catalogado, não é? Aí eu fui para lá. A minha vida foi muita coisa mesmo – chefe de polícia feminina, de ponto, trabalhando num lugar, mas chefiando o ponto de outro. A minha vida funcional foi muito tumultuada e muito boa. Eu gostava.

Entrevistadora – *Ele conheceu ou teve contato com Pedro Ernesto?*

Entrevistada – Sim, eu não. Quando ele veio para o Rio era o Pedro Ernesto, lembra? Ele estava vivo, mas eu vim, eu vim com 12 anos, eu era menina. Mas papai deve ter conhecido.

Entrevistadora – *Eu gostaria que a senhora contasse um pouco da experiência dos Parques, principalmente do Parque 1.*

Entrevistada – O Parque 1, aliás dos Parques Proletários. As favelas do Rio não são essas favelas de hoje que você sobe, “ah, tenho medo”. Você não entrava, nem a ambulância entrava na porta. Eles tinham esses comandos vermelhos daquela época, os malandros realmente dominavam. Eles tinham os pontos de luz, eram os manda-chuvas do lugar. E aquelas favelas imundas, horríveis, aqueles casebres horrorosos. E era preciso fazer um censo para desmonte de favelas. Então, ele com aquele jeitinho começou a fazer aquela conquista. Mamãe ficava apavorada

porque, por exemplo, na Praia do Pinto teve que pagar cerveja em botequim de noite para aqueles malandros para poder criar amizade. E ele realmente adquiriu o carinho, de um certo modo ele se tornou uma pessoa respeitada. E assim pôde fazer o censo. Então chegou-se à conclusão de que você jamais poderia construir uma casa de alvenaria e passar aquele pessoal da favela diretamente para essa casa. A educação, neste ponto, era mínima. Eles arrancavam as torneiras, tomavam banho vestidos, levavam os hábitos da favela para dentro das casas, havia muito desajuste psicológico, desajuste familiar, muita coisa a ser feita. Havia muita gente escondida lá dentro. Então, para que o plano chegasse à etapa final – que não chegou pois não deu para continuar – eles tinham que ter um “campo de treinamento”, vamos dizer assim, um estágio. Então, foram construídas – e depois não se conformava, ele mandou vários ofícios pedindo, porque era por um ano e aquilo tinha que ser desmontado e passar para a parte final. Então papai fez a construção, tanto que você vê a fotografia da Praia do Pinto uma parte já construída e a favela ali. Então ele fez as casinhas, eram casinhas de madeira, juntinhas assim, com banheiros coletivos, porque eram provisórias. Mas dando todo um cunho, por exemplo, no Parque 1 a única casa de alvenaria era a capelinha de Nossa Senhora. Tinha a sede da administração, mas as ruas eram arborizadas e dando a eles também o sentido de casa para eles criarem amor, para fazer florescer as coisas todas. Agora, dentro desses parques, o Parque 1 é um exemplo, tinha todo um carinho. Por exemplo: tinha-se a parte de documentação, registro civil, orientação familiar, casamentos, enfim, tratava da vida deles. No Parque 1 nós tínhamos recreio infantil, escola primária, jogos, a parte religiosa, catequese, tinha toda uma parte de oficinas, de marcenaria, de várias coisas e de espaços para lazer. Enfim, havia uma estrutura para que durante aquele tempo em que permanecessem no Parque, eles se tornassem sociáveis. E papai fez então um treinamento de moças no Corpo de Bombeiros e tinha um corpo de bombeiros de mulheres permanentemente no Parque, porque o Parque era de madeira, então precisava ter aquele cuidado. E chegou a uma etapa tal que o chefe da caixa da Light, o Dr. Carlos Luz, parece que houve um concurso, no qual ele ofereceu a eles o que eles preferiam: um campo de jogo ou uma biblioteca. E eles quiseram a biblioteca. Isto demonstra a que ponto nós conseguimos. E era bonito! Chegava de noite os operários limpavam a casa, mudavam de roupa e iam para a biblioteca, ler. Quer dizer, aquilo deu a eles uma melhora de vida. Então papai começou a adquirir os terrenos perto do Parque. Ele comprou esse terreno ali perto, onde era Olaria e Capinzal, e hoje a PUC, ele comprou o terreno da Dona Marieta Pires Ferreira - aquela da Roda - para construir as casas definitivas. Então, eles saíam de uma favela, passariam, digamos assim, por uma recauchutagem e se incorporariam a uma sociedade, com a capacidade de viver com essa sociedade.

Entrevistadora – *Qual era a reação dessas pessoas com a remoção, como elas encaravam isso?*

Entrevistada – Ah, tinham muita dificuldade! Muitos queriam ir, claro que queriam ir, mas queriam levar seus hábitos: coleção de latas, coleção de porcaria, está entendendo? Tinham um

pouco de dificuldade. Mas aí é que o Serviço Social, as assistentes sociais entravam. E quem é que não queria sair de uma porcaria e ver aquelas casinhas limpinhas, tudo arrumadinho? Naturalmente que eles estavam ávidos de ir para lá; teve até um malandro que pediu para morrer lá. Papai levou e ele morreu num quarto. Foi muito engraçado porque houve uma eleição lá de um deles, da Praia do Pinto, e papai começou a pleitear... Por exemplo, quando morria era assim: ficava o caixão sendo velado e eles bebendo e jogando em volta para fazer a eleição. Então papai começou a “cambalar” [sic] para conseguir o malandro chefe lá deles, que ele gostaria, que era justamente para poder continuar o trabalho do censo de uma favela.

Entrevistadora – *Vamos voltar um pouco para o plano. A senhora tem lembrança de quem fazia parte da comissão junto com o Dr. Victor Tavares?*

Entrevistada – Os nomes agora me fogem. Tinha gente tão conhecida, mas eu sou péssima para guardar nomes, todos da comissão da favela. Tinha um grupo grande. Por exemplo, quem fazia o trabalho dele era o Nelson, que era o mestre-de-obras do lugar.

Entrevistadora – *Por exemplo, a senhora se lembra se havia algum arquiteto?*

Entrevistada – Sim, claro! Quando se foi fazer os parques, ele teve que ter orientação da parte de alguém, algum planejamento. Não sei, se me lembro era qualquer coisa Reis. Acho que Máximo Reis fazia parte desse grupo. Aqueles funcionários que estavam ao lado dele – existem muitas fotografias do Capinzal, com as plantas, conversando com eles. Inclusive está o Nelson e toda aquela gente que fazia parte do grupo de construção. Porque papai, para construir, precisava de um técnico. Ele tinha.

Entrevistadora – *O censo. Essa equipe montou o censo, e teve a idéia de fazer o censo, a senhora tem lembrança de como foi isso?*

Entrevistada – Foi papai que quando fez o desmonte das favelas mandou fazer as fichas, mandou fazer o censo, entrar nas favelas e ver quantos moradores, número de famílias, tipo de renda familiar. E é por ali que se pôde fazer o volume de pessoas humanas que iriam habitar em cada lugar. O censo foi realizado para saber que tipo de material humano você tinha ali; o tipo de dinheiro que eles ganhavam, qual era a renda familiar, qual era o número de filhos, o número de desempregados, de doentes, de pessoas velhas, quer dizer, o censo deve ter sido baseado nisso porque você não pode trabalhar com uma coletividade, se você vai fazer um trabalho em benefício dessa comunidade, você tem que saber com quem você vai trabalhar, quantos são e que necessidades esse pessoal tem. Porque sem você saber das necessidades do ser humano, como é que você vai poder ajudar? E o censo naturalmente ia mostrar muito da necessidade. A primeira etapa, o primeiro trabalho dentro da favela depois da conquista para entrar, a finalidade precípua da entrada na favela, inicial, foi fazer o censo. Sem o censo não teria acontecido nada.

Entrevistadora – *A senhora acompanhou a saída das pessoas das favelas?*

Entrevistada – Sim. Aí eram caminhões levando. Era a Prefeitura, porque nessas horas é um trabalho de equipe, assim como papai trabalhava junto às Delegacias, com o Dulcídio dos Santos para ... quando eles pegavam o malandro, papai tirava, já era combinado para criar confiança, porque não era facínora. Agora, o centro era papai e ele estava arrumando tudo. Então ele tinha amigo na Polícia, na Delegacia, na Prefeitura – o caminhão trazia, o outro removia, a mudança deles todos. E aí o Parque já tinha um administrador, porque o Parque tinha uma casa de administração, tinha empregados e administradores, esse povo não ficou lá solto não!

Entrevistadora – *Tinha sempre visita dos políticos, do Dr. Dodsworth?*

Entrevistada – Ah, sim! Dr. Dodsworth, Dr. Getúlio. Papai fez uma páscoa coletiva linda, Dom Jaime ficou encantado, porque as Irmãs de Jesus Crucificado faziam a parte de catequese. Tinha escolas primárias, as professoras, tinha tudo. E mesmo pequenininho, era um bairrozinho, não é?, de preparação para o futuro. Infelizmente, nós estávamos com apenas 4 Parques: Caju, Amorim, Praia do Pinto e a Marquês de São Vicente.

Entrevistadora – *A senhora sabe a razão de o Parque nº 1 ter sido tão bem-sucedido? Ter mais equipamentos, mais serviços?*

Entrevistada – Eu acho que o Parque nº 1 foi o mostruário da coisa, foi o piloto. O que não quer dizer que não se fossem fazer nos outros as mesmas coisas. Mas ele foi o primeiro, foi a remoção de Olaria e Capinzal, mas a primeira remoção foi a do Largo da Memória. Depois que começou a tirar a Praia do Pinto que é essa parte onde tem o Scala – aquela parte enorme toda - tirou também a favela Jóquei Clube junto com a do Piraquê; foram 17 favelas ao todo. Agora tinha-se também o parque do Amorim e o do Caju. E essa gente também recebia os benefícios, recebia tudo. Eu, por exemplo, como trabalhava aqui, fiquei muito focalizada no Parque nº 1, mas não quer dizer que os outros Parques não iam ser tratados, que uma população daqui ia receber isto e aquilo e a outra não. Não! Eles tinham critérios. Os mesmos privilégios, o mesmo tratamento, a mesma preocupação e a mesma adaptação que os de cá iam receber, os outros também receberiam. O problema da favela não era da Zona Sul. O problema das favelas era para todas as pessoas que estivessem nessa situação. Agora, é uma pena que durante todos esses anos os governos posteriores não tivessem deixado um pouquinho a vaidade, se é que foi a vaidade, e tivessem pensado na beleza da cidade e na situação dessa gente e tivessem prevenido para não continuar em morros e morros – Pavão-Pavãozinho, Cantagalo e companhia da vida. Porque o que devia haver, talvez, ainda, o Morro da Providência e da Saúde que foram do começo do século, isso é uma coisa. Mas eu acho que muitas dessas favelas aí poderiam não ter sido construídas.

Entrevistadora – *Há uma literatura que diz que no Parque nº 1 havia uma habitação especial para o Getúlio Vargas quando ele ia até lá.*

Entrevistada – Que eu saiba não. O Dr. Getúlio foi algumas vezes lá, existem fotografias dele entrando lá, mas ele ia com a sua comitiva, uma porção de gente correndo atrás, mas ele entrava livremente no Parque, no meio do povo, conversava, falava, via as instalações e ia-se embora.

Entrevistadora – *Só o banheiro era coletivo ou a cozinha também, um refeitório?*

Entrevistada – Só o banheiro. Não, não. Elas tinham a sua casinha, em cada dois grupos tinha a casinha, agora, tinha aqueles banheiros, eram separados para homem e mulher, não é? Porque aquilo era uma coisa provisória, não se podia fazer um banheiro para cada pessoa, porque eram milhares. Porque você veja as casinhas como eram: era uma escadinha, você entrava e tinha a sala, as dependências, eram casinhas pequenininhas, naturalmente, de acordo com o número de famílias, quer dizer, até eu acredito, não sei, podia até contar mais de uma, as famílias eram muito grandes, não é? Agora, no banheiro tinha lugar para botar a roupa, usar sabão, lavar com água, etc.

Entrevistadora – *Então, de acordo com o que a senhora observou, a reação das pessoas quando iam para lá era positiva...*

Entrevistada – Era muito boa, positiva.

Entrevistadora – *O único problema era as pessoas quererem levar seus objetos velhos para lá.*

Entrevistada – E o outro caso é que você precisava reeducá-los, né? Papai contava, por exemplo, que uma era a mania de juntar lata, a outra era a mania de *lingerie*. Bom, eram as suas *lingeries*. E eu acredito, minha filha, porque eu não estava lá no momento. Esse trabalho de remoção deve ter sido acompanhado por agentes sociais, pessoas da área que iam fazer esse trabalho. Eu, por exemplo, fui trabalhar na parte de psicologia, mas com certeza, na hora da mudança da favela da Praia do Pinto estavam os agentes sociais para orientar o que levar, não levar... Agora, ao chegar ao Parque tem que reeducar, porque senão eles vão transformar aquilo em favela outra vez, tanto que, quando abandonaram o Parque ele virou praticamente uma favela, porque papai tinha saído, queriam que ele voltasse e eu fiz uma promessa a São Judas Tadeu, ele tinha até um quadrinho de São Judas Tadeu em cima da mesa. Porque o pai é meu. Os riscos de vida que ele correu, trabalhou, se descabelou, coitado! Teve lides, ameaçou a saúde dele e agora destroem tudo o que o homem fez, porque o Parque virou uma favela.

Entrevistadora – *Os parques duraram quanto tempo?*

Entrevistada – Nem sei, nem sei mais, minha filha, porque o papai saiu e aquilo foi se deteriorando. Hoje você vê que não tem nenhum resquício. Felizmente, não se fez outra favela na Marquês de São Vicente naqueles lugares, mas houve ainda um tempo em que eles quiseram salvar, mas salvar depois. Aí eu achei que era ruim porque o pai era meu, quer dizer, eu vi a luta dele.

Entrevistadora – *A senhora ainda tem contato com alguém daquela época?*

Entrevistada – Minha filha, muita gente já morreu. A pessoa que eu tinha mais contato, que era grande amiga minha, que trabalhou com papai muitos anos e era muito amiga, ela morreu há uns 3 ou 4 anos atrás, a Dagmar. Eu acho que todo mundo daquela época, dr. Luiz Oliveira, essa gente toda. Dr. Villardo, mas ele trabalhou depois e uma amiga minha disse: “Ah, eu estive com o dr. Villardo e ele mandou um abraço para você”. Mas eu já saí do Estado há muitos anos.

Entrevistadora – *Mas as pessoas que moravam no Parque, por exemplo...*

Entrevistada – Dos moradores do Parque eu só tenho contato com uma empregadinha minha, que casou lá em casa. Ela entrou menina e saiu para casar de braço dado com papai, entrou na igreja, minha mãe fez o vestido de noiva, eu sou madrinha da filha dela, que já é avó e... Algum tempo atrás, quando a mamãe ainda era viva, o chefe da marcenaria disse à mamãe que as meninas que trabalhavam na marcenaria com papai que foram para lá novinhas nunca se perderam. Tinha um que queria ter uma navalhada no rosto e dez entradas na polícia, porque era o exemplo que ele tinha. E depois eles mesmos ficaram com vergonha disso, né? Porque eles conheceram o outro lado. Eu estava vendo outro dia no noticiário que um homem pobre resolveu fazer uma experiência com esses meninos lá em Belo Horizonte, ele mora perto de uma favela, então resolveu se interessar por aquela garotada dali, arranjou uma quadra em uma associação conhecida. Então juntou essa meninada toda que faz ginástica e gosta de futebol e gosta disso. E eu fico chamando a atenção para a mentalidade deles porque eles já estão com a mentalidade de educação, disciplina, tudo isso passado por esse homem que mal sabe o português, entendeu? Quer dizer, no que eles vêem o bom, vêem o melhor, eles não querem voltar para o ruim, não é? A não ser que seja uma deturpação. Naquele tempo ainda não tinha esse problema de tóxico que tem hoje, não se falava nisso.

Entrevistadora – *Muito embora o Dr. Victor não tenha sido político, ele teve cargos dentro da administração pública, uma aproximação grande com Getúlio Vargas, com Dodsworth...*

Entrevistada – Ah, sim. Mesmo porque, minha filha, naquele tempo era Estado da Guanabara, era Distrito Federal. O presidente morava aqui. Tinha o presidente e tinha o prefeito. E o prefeito tinha sempre os diretores. Então, era uma hierarquia. Não era como agora que você está aqui e o presidente está em Brasília. Então o presidente não toma nem conhecimento de um diretor daqui. Naquele tempo não. Tinha o presidente da República, era Distrito Federal. As autoridades todas... eu acho que não existia nem governador, porque em Brasília tem, não é? Mas o quanto eu me lembro era Dr. Getúlio e logo o prefeito. Daí era como se fosse o Fernando Henrique passando pro César Maia. Devia ser isso. A coisa era diferente. Agora, não era como se ele tivesse cargos políticos de deputado, de senador, dessa coisa não. Ele era tudo dentro do quadro funcional, aquele que atendia à Prefeitura do Distrito Federal.

Entrevistadora – *Mas ele tinha alguma amizade pessoal com Getúlio Vargas?*

Entrevistada – É, Dr. Getúlio gostava muito de papai, muito. Ele chamava papai de *doctor* Victor. Além de tudo, papai era amigo de tio Agamenon. O tio Agamenon foi um grande amigo dele. Então, eu tenho a impressão que, talvez também, esse conhecimento de família... eu tenho a impressão que havia amizade assim de cordialidade do dr. Getúlio com papai.

Entrevistadora – *A relação com o dr. Dodsworth também era assim?*

Entrevistada – Excelente. Dr. Dodsworth ficou comigo; papai morreu e ele continuou comigo, que foi com ele que eu entrei. Tanto que eu era guardiã da defesa do governo dele nisso tudo, porque este Arquivo que foi levado para a Fiocruz é a defesa do governo do prefeito da época e não constava em canto nenhum. Então, isso tudo estava comigo. E, depois que papai morreu, eu tenho a impressão que tive alguns contatos com o Dr. Dodsworth. Então, eles eram muito amigos. Papai tinha esse dom de fazer amizade com as pessoas. Não era com falsidade não, nem com interesse por nada. Era porque era dele. Agora, muito sincero, muito certo, muito correto. Eu não sei, mas tenho a impressão que antigamente as coisas eram mais corretas, mais equilibradas, eu não sei, acho que era.

Entrevistadora – *Qual a formação da senhora? A senhora fez Pedagogia na PUC e em seguida foi trabalhar na Prefeitura?*

Entrevistada – Pedagogia na Universidade Católica. Não, foi assim: eu, quando saí do colégio, fiz meu primário todo com uma professora que morreu agora, ano passado. Era uma moça da sociedade que tinha aqueles cursinhos primários e vários de nós fizemos, até o filho do tio Artur, ela tinha aquele cursinho. Fiz o meu curso, eu fui alfabetizada em casa – com 1 ano eu falava o português certo, com 6 anos eu já estava catequizada. Aí eu fui para o Recife. Aí eu fiz o meu primário com ela e fiz admissão; me preparei em casa e fui para o Colégio das Dorotéas, que hoje tem aqui no Rio, na rua do Bispo. Lá, eu fiz o primeiro e metade do segundo ano ginásial, foi quando papai foi transferido e eu tive que ser transferida pro Rio. Ele tinha pensado em me botar nas Marcelinas, pelo que eu imaginava, mas como as meninas do tio Agamenon estavam no Sacré Coeur de Jesus, eu vim para o Sacré Coeur. Ele queria que eu falhasse aquele meu ano para ficar no Rio, conhecer e tal, mas eu graças a Deus: “não, não quero perder o meu ano”. Eu entrei no meio do ano, claro, com as dificuldades porque o meu francês daquela época era de colégio público, de colégio ginásial, era um francês diferente, besteira, e eu vinha pra um colégio onde só se falava francês. Então, as ordens eram em francês, tudo era em francês, apenas a admissão era em português, mas eu fiz. Aí eu terminei o meu curso ginásial com 16 anos no colégio Sacré Coeur de Jesus. Não existia científico, não existia pré. Era um colégio universitário na Praia Vermelha. Era uma bagunça onde todo mundo ficava misturado. Então papai achou que eu estava saindo de um colégio de freiras e muito jovem, e ele – a idéia que eu tenho – não quis que eu entrasse para fazer um tal de um cursinho que tinha lá, eu não me lembro mais como era a organização ali. Eu então enchi o meu tempo. Fiz curso de datilografia, de salgadinhos e doces, mas eu sempre tive uma tendência, Nosso Senhor sempre me puxou

para esta parte de catequese e biblioteconomia. E eu estava trabalhando na igreja de Copacabana, na Casa do Pobre, que é uma casa de assistência às crianças pobres, é uma creche e lá tinha uma biblioteca. E eu, folheando, encontrei um prospecto da fundação da Universidade Católica, da PUC. Ela tinha sido formada naquele ano, digamos, que eu li. O meu diretor estadual e professor era o fundador da PUC, era o Reitor Padre Leonel Franca. Então eu fui conversar com o Padre Leonel Franca. Eu tive vontade de fazer Direito, sempre tive, mas ele escolheu para mim Pedagogia. E eu sou da segunda turma de fundação da PUC, eu fiz 4 anos lá. Antes de sair da PUC, no último ano, eu estive em tratamento, eu estive muito doente. Então, quando eu acabei, eles acharam por bem que eu tivesse uma ocupação profissional, terapêutica ocupacional. E foi aí que Dr. Dodsworth me botou no Estado, o Dr. Dodsworth é que me mandou. Primeiro era uma função extraordinária. Depois de muito tempo é que eu fui efetivada. E comecei no Departamento de Assistência Social que papai já era fundador. Bom, aí quando eu estava formada eu já era funcionária. Quando eu me formei, eles abriram realmente um concurso para o magistério, para professores, mas da seguinte forma: prova de títulos. Então, entrava professor do Pedro II, professor com uma porção de títulos e a gente estava com o que? Horas de didática na Universidade. E mandado de segurança e outras coisas mais. Então eu desisti de fazer e quis continuar minha carreira administrativa, embora meu diploma esteja registrado no Ministério da Educação, registrado tudo direitinho. Eu só podia ensinar em universidades ou nas escolas superiores – normal, na Orsina da Fonseca. Porque eu sou nível superior, não sou professora primária, né? Mas aí não adiantava mais nada. Mas, enfim, me formei, né? Aí eu estava no Estado e fiz minha carreira ali. Só que o Estado me proporcionou mudanças. Transfere daqui, transfere dali e eu fui pegando experiências. Por exemplo: eu trabalhei em favela, trabalhinho muito bom, social. Depois trabalhei em Centro de Saúde de bairro, uma experiência muito boa, maravilhosa, aprendi como é que se monta uma casa de comércio no Rio de Janeiro. Depois me chamaram para fazer o histórico da secretaria e me botaram livro pela frente, eu fui fazer uma especializaçõzinha. Depois veio o Centro de Estudos, aí ele me botou dentro mesmo. Aí eu fui fazer teses médicas com médico. E fui tendo um envolvimento, depois ele me pediu tempo para a biblioteca regional de Copacabana quando era no Lido. Depois me botaram no setor de prontuário que era pra fazer a vida funcional: tem lá o número da matrícula e você, toda a vida funcional, você se encarrega da vida funcional do colega. Depois me mandaram para a recuperação de mendigos, e daí para o dr. Villardo e fui ser secretária dele. Aí fui ser muita coisa porque fui ser chefe de ponto – eu estava de férias e o Lacerda me fez chefe de ponto, atendendo também à polícia feminina do Albergue. Eu cheguei a Assessor de Gabinete da Secretária de Serviços Sociais. Eu então saí da Secretaria, mas eu já tinha outra Secretaria de mãos abertas para mim, a do Benjamin, que era o Secretário de Educação da época. E ele, então, falou com a Secretária e sobrinha dele, a Marilda, eles então me convidaram para a Secretaria de Educação e eu fui trabalhar com o Dr. Albano Marques. Lá, fazia parte da Secretaria de Educação – onde eu fui agente de orçamento – a Divisão de Teatro, como o Teatro Municipal, a Escola de Belas Artes etc. Aí o Napoleão Muniz Freyre, que me convidou para ser auxiliar dele na Divisão de

Teatro. Então eu fui mandada para dirigir o Gláucio Gil, preparar o funcionalismo, preparar o teatro para receber o Roberto di Cleto, o artista que seria diretor. Eu sei que resolvi que eu ia me aposentar na biblioteca de Copacabana, onde já havia sido funcionária. Então eu fui designada para a biblioteca regional de Copacabana e lá me aposentei.

Entrevistadora – *Então, o trabalho direto com o Dr. Victor foi só nesse período das favelas?*

Entrevistada – Foi, no Departamento de Assistência Social. Quando ele saiu, eu saí. Porque não podia ficar. Eu não achava que outro diretor que viesse se sentiria bem de ter a filha do antigo diretor lá.

Entrevistadora – *Mas a senhora sabe por que ele saiu?*

Entrevistada – Sei, ele saiu e se aposentou nós sabemos porquê. Porque – meu Deus, não me lembro o nome agora – aquele prefeito maluco – eu não me lembro o nome dele agora, depois eu vou me lembrar – tinha um prefeito maluco aí que nomeava as pessoas pela aparência. Então, ele chegou, encontrou um ótimo diretor de maternidade limpando uma mesa ou qualquer coisa. Então ele pegou esse homem e resolveu que esse homem devia ser o diretor do departamento no lugar de papai. Quer dizer, você não tira um diretor de maternidade que está bem no seu cargo para botar num cargo onde já tem um técnico, não é verdade?

Entrevistadora – *Foi o prefeito que sucedeu o Dodsworth?*

Entrevistada – Foi, como era o nome dele? Meu Deus... Como era o nome dele, hein? Ele fazia isso, ele fez várias coisas. Depois, aí, acho que foi em 58 que papai pediu a aposentadoria. Foi aí...

Entrevistadora – *Mas nessa época ele já tinha saído do projeto dos parques proletários?*

Entrevistada – Ah, sim. O Departamento continuou e os parques proletários faziam parte do departamento, nunca deixaram de fazer.

Entrevistadora – *Mas aí logo depois da saída do prefeito Dodsworth ele saiu também do departamento porque é cargo de confiança, é isso?*

Entrevistada – O Mendes de Moraes tinha a mania de botar a pessoa por simpatia. Então ele botou – era até um colega, papai ajudou esse senhor, não me lembro – ele pegou esse homem que era chefe de maternidade e mandou ser chefe, diretor, do Departamento de Assistência Social. Aí, não sei porque motivo, antes que outras coisas ocorressem, papai não queria mais assumir nada. Aí ele foi trabalhar no Serviço Social da Indústria (SESI) com Euvaldo Lodi, era o chefe do Departamento de Assistência Social do SESI. Depois ele se aposentou, mas – coitado! – dois anos depois morreu.

Entrevistadora – *Pois é, então, além do trabalho na Prefeitura, ele tinha outras atividades, como essa experiência do SESI...*

Entrevistada – Não, o SESI já foi na década de 50. Nós fomos num congresso em 51... foi final da década de 40 para início da década de 50. Isso já foi muito depois.

Entrevistadora – *Qual era a atuação dele no SESI?*

Entrevistada – Ele também foi diretor do Departamento de Serviço Social do SESI do Estado do Rio, região do Rio de Janeiro, Campos.

Entrevistadora – *Ele chegou a clinicar no Rio ou só fez esse trabalho?*

Entrevistada – Ele começou a clinicar, tinha um escritório na avenida Rio Branco, mas foi muito pouco tempo. Depois mudou da medicina tradicional para a medicina social do trabalho. E dedicou-se inteiramente, deixou realmente a parte clínica e passou a fazer somente medicina social.

Entrevistadora – *E qual era a especialidade?*

Entrevistada – ... era cirurgia, mas essa clínica era de cintilografia.

Entrevistadora – *E ele teve também uma atuação no Instituto dos Bancários, não é?*

Entrevistada – Ah, bom. Aí vem outra coisa... Quando ele era chefe do Albergue, em 1935, teve a Intentona, lembra? Depois da Revolução de 30. O diretor médico do Instituto dos Bancários era o Eliezer Magalhães, e esse Magalhães tinha fama de comunista ou qualquer coisa assim, e me parece que papai era médico também do Instituto dos Bancários, médico simples. Então o Eliezer deixou papai no lugar dele como diretor e teve que sair do Rio. Depois, no ano seguinte – eu não me lembro as datas – parece que em 36 ele foi confirmado como diretor médico do Instituto dos Bancários. Ele organizou a rede médica bancária do Brasil inteiro. Até hoje eu tenho amizade com os filhos do Dr. Stockler no Paraná, porque papai fazia o seguinte: ele mandava ver no lugar, na cidade, o melhor fisiólogo, o melhor clínico e convidava pro quadro clínico bancário, entendeu? Então ele tinha uma projeção grande em conhecimento de pessoas em outros Estados também; e o corpo médico do Instituto dos Bancários era um grande corpo. Ele conseguiu melhorar muito a parte de tuberculose. Aí é que eu digo, a mentalidade dele era botar o profissional perto de casa. O bancário, morando no Rio de Janeiro não trabalhava em Niterói, está me entendendo? Então ele permaneceu médico diretor até 1938. Quando veio a Constituição de 38. Dr. Getúlio mandou que optasse ou – ninguém podia ter dois cargos... Naquela época o Instituto era Instituto e o Estado dava maiores condições de estabilidade. Então, papai conversou com mamãe e ele optou pelo Estado. Em 1946, Dr. Getúlio, na Constituição, mandou que ele voltasse em disponibilidade ou não. Quer dizer: ou ele voltava pro cargo dele, exercendo - mas como estava o Eli Bahia que era um amigo dele no lugar, ele não queria tirar o lugar de ninguém -, ou ficava em disponibilidade, mas com os mesmos proventos e os mesmos direitos de antes. E mandou que esse claro de dinheiro, de proventos, de benefícios fosse anexado. Só que ele não conseguiu usufruir disso porque morreu. Quem

recebeu todo esse atrasado de papai e passou a ter a pensão foi a mamãe. E quando ele morreu, nós pagamos o Nascimento Silva, porque aconteceu nesse ínterim, quando houve essa lei, o presidente do Instituto dos Bancários não providenciou para que papai tivesse essa posição e ele continuou como simples médico dos bancários. Aí um amigo dele, que eu não esqueço nunca, um grande amigo dele Dr. Roberto Pessoa, disse “Moura, como é isso, você é muito humilde, você tem que reivindicar o seu direito”. Então, levou ele para o Nascimento e Silva que foi, você se lembra dos dois irmãos Nascimento e Silva, Heitor e Luiz Gonzaga, que um foi Ministro do Trabalho, era essa dupla, que eram grandes advogados do Rio. Então eles assumiram a causa e papai começou a receber um dinheiro, mas ele não usava porque ele tinha que ter a garantia de que ia ganhar em última instância. Então ele botava esse dinheiro no banco. Antes de adoecer para morrer, ele passou no banco “Irmãos Guimarães” e a gerente disse: “Dr. Moura, o senhor está ficando com muito dinheiro aqui”. Ele disse: “Não se incomode, Maria, porque quando eu voltar eu vou botar conta conjunta com a minha mulher”. Só que ele adoeceu para morrer lá no sítio e lá no sítio o Armandinho, meu primo, que era ministro da Agricultura e tal, telefonou avisando que ele tinha ganhado por unanimidade. Então ele morreu sabendo que tinha ganho a causa dos bancários, mas não usufruiu. Mamãe recebeu, então, os atrasados que pagaram os advogados, pagaram tudo e terminado o inventário, ela ficou com a pensão e nós, através do Banco do Brasil, aplicamos isso numa companhia internacional, Interamericana Simetal S/A, forte, porque eu levei aquele ano com o inventário de papai – aí eu não entendia de finanças – procurando qual era o meio pra gente depois ter uma vida equilibrada. Só que o diretor comercial da firma sumiu com o ativo da firma e eu tive falência total.

Entrevistadora – *Ele também fazia parte do Conselho Financeiro da Fundação Leão XIII, não é isso?*

Entrevistada – Ah, bom, aí aqueles títulos, aquelas comissões todas, Comissão de Aquisição de Material, não é? Muita coisa. Conselheiro da obra da Dona Eunice Lyra, da Federação das Crianças Filhos de Leprosos, não é?

Entrevistadora – *Dr. Victor Fazia comentários a respeito da sua rotina de trabalho ou pedia conselhos à mãe da senhora, à senhora?*

Entrevistada – Bom, ele dialogava, a mamãe e o papai eram muito unidos. Toda a vida deles foi pautada por um casamento muito bonito. Quando eles se casaram, mamãe casou assim... primeira vez que... ela não sabia quem ele era. Ela tinha um primo que coincidentemente era amigo de papai. E se não me engano quando ele casou, foi aquele casamento antigo, com *mademoiselle d'honneur*, antigamente era assim: moça, rapaz, aquela badalação. E mamãe foi convidada para ser a *mademoiselle d'honneur* e papai seria o *garçon d'honneur*. Mas ela só conhecia papai porque os jornais todos diziam “Dr. Moura chegando da Europa”. Então ela já criou uma antipatia, não sei porque foi. Só que minha avó morreu e papai não pôde ir. Então, foi no lugar dele um outro rapaz ao casamento, um rapaz muito bonito, comerciante, sabe? Então,

mamãe não sabia quem era aquele Dr. Victor, mamãe... Mas acontece que a madrinha dela de batismo, que ela ia chamar – papai e ela nasceram no mesmo dia – e ela ia se chamar Vitória. Só que não podia, só por causa de tia Maria ela se chamou Maria Cristina. Ele viu mamãe num bonde, antigamente era bonde, mamãe ia levar a minha tia-avó, a tia dela, para casa onde depois foi a casa do irmão dele, e hoje é um hospital. E ela foi levar a tia velhinha e papai tinha chegado da Europa no mesmo bonde e perguntou quem era e disseram. E ela vivia cantando no Palácio do Bispo, no Palácio do Governo, ela tinha uma voz lindíssima e tal. Ele veio ao Rio e encontrou tia Maria que estava no Rio e diz assim: “Dona Maria, a senhora conhece, por acaso, umas meninas do Zeca Cavalcante?” Aí tia Maria diz assim: “Não vai dizer que é a minha afilhada?!” Aí tia Maria quando chegou no Recife fez um almoço na casa dela, que tinha um terraço assim, que nem este – ela fez um terraço, lá atrás tinha um terraço, que ficavam os senhores de idade todos e cá o pessoal jovem -, e convidou mamãe. E mamãe muito desconfiada por causa de papai, mamãe foi e sentou lá junto dos velhos. Só que ela ficou sentada junto de um velhinho de olhos azuis, tipo de holandês, porque o meu avô era descendente de holandês, de barbinha branca, meu avô era lindo! Começou aquele “namoriquinho”, de encontrar ela em casa, tio Agamenon ficou em cima, foi indo. Quando foi um dia mamãe estava afundada em tintas porque ela pintava, mamãe estava afundada em tintas, era o dia 8 de setembro, tia Maria chega e diz: “Se lava toda, se limpa porque o coronel Moura vem lhe pedir em casamento hoje”. E aí papai chegou junto de vovô e disse: “Meu pai, você se lembra daquela moça que você viu assim... Você vai pedir ela em casamento para mim”. Bom, aí foi o casamento mais certo do mundo, mais certo. Nunca levantaram a voz dentro de casa. Quando ela estava afobada e ele chegava, ele virava e dizia assim: “Puxa, a mamãe está danisca hoje, não está?” [risos] Bom, tudo eles faziam em comum acordo. Se ele tinha um plano, ele contava o que estava pensando. Uma vez ele estava sentado na cadeira lendo jornal e a gente conversando... “Mas vocês já falam, hein?!” Aí é que nós íamos lá prá sala de jantar, né? Ele vinha atrás. Ele não ia a um congresso se não pudesse levar a família, ele não era um homem de explicar as coisas, as idéias dele no gabinete não. Ele era um homem de conversar em casa, de dizer os planos. Ele botava muito a gente dentro para trabalhar, nas festas do albergue mamãe levava o coral dela, ele contava as coisas que aconteciam. E outra: o trabalho dele não era desassociado do ambiente familiar dele não. Agora, mamãe quando a gente procurava – porque a dona de casa durante o dia às vezes tem problema de aborrecimento – então ela tinha uma filosofia: quando era à tardinha e tal, ela mudava a roupa, ficava toda bonitinha, se tinha alguma coisa desagradável, ela não dizia quando ele chegava. Deixava ele chegar, descansar, tomar seu banho, e tal, enfim... Se tinha alguma coisa, ela comentava depois. E se ele saía de casa, ela não queria saber da porta pra fora como foi. Se davam muito e ele nunca prevaricou, com a graça de Deus, inclusive me levou para trabalhar com ele. Mas as funcionárias dele, todas eram muito amigas dela. Ela também não vivia metida em departamento. As vezes em que ela foi às festas do albergue era muito querida, era muito respeitada, tratava todas elas com muito amor, muito carinho. Eu sei que no tempo que papai era funcionário ... tinha uma que dizia que ela era a filha número 1 e eu era a filha número 2,

uma amiga minha. Então, o ele era manso sabe, era manso. Por exemplo: se ele tinha que chamar a atenção do funcionário, ele chamava à parte, ele conversava, ele tinha essas qualidades.

Entrevistadora – *A senhora sabe se o Dr. Victor tinha alguma relação com o Rotary Club? Porque ele fez algumas conferências no Rotary.*

Entrevistada – Não, ele não era rotariano, ele era convidado.

Entrevistadora – *E alguém da família? A senhora sabe se havia algum rotariano?*

Entrevistada – Não. Que eu saiba não. Foram as instituições sociais e científicas que projetaram o nome dele e o convidaram. Mas que eu saiba papai nunca foi rotariano. Olha, ele não tinha nenhuma corrente filosófica, nenhuma ligação com partidos políticos, não misturava o trabalho dele com a política, não deixava fazer propaganda com o seu trabalho, ele respeitava muito essas coisas. O negócio dele era o idealismo em benefício das pessoas, o trabalho que estava fazendo, o amor que tinha em fazer este trabalho. Agora, tinha que ter conhecimento por causa do tio Agamenon, tinha que ter.

Entrevistadora – *A senhora lembra do que ele gostava de ler? Se ele compartilhava as leituras com a senhora ou sugeria leituras?*

Entrevistada – Não. Ele lia muito. Primeiro, agora, eu tenho que me lembrar, né? Porque eu, menina, a gente sai, vai pro colégio, volta do colégio, a gente não fica muito “ah, papai, o que é que você está lendo?” Ele, naturalmente, lia muito essa parte de medicina, dessa coisa social dele. Quando eu era menina, ele tinha uma biblioteca em que eu não podia entrar pra manusear livro, tinha que ter cuidado. Então, eu sei que ele devia estudar muita cirurgia, os livros médicos dele. Depois de grande, a leitura de papai, o interesse dele era muito social. Agora, ele lia muito jornal, adorava, gostava muito de futebol, gostava muito de rádio, noticiário. Era uma pessoa muito interessada por essas coisas, lia muito jornal o dia inteiro. Então, a pessoa que lê jornal está toda entrosada, mas muito misturado com o trabalho dele também, né? Você vê que ele recortava, lia, se interessava. Agora, a pessoa que disser assim: “Ah, lê um livro de poesia. Ah, porque gosta da literatura do José Lins do Rêgo”. Não era assim. Essa parte de literatura comum, não vi papai voltado pra esse lado não. Nunca vi.

Entrevistadora – *Para terminar: ele tinha algum hobby, alguma coisa que gostasse de fazer?*

Entrevistada – Tinha: caçada, tiro ao pombo. Ele era caçador. Então, pescava em estação d’água, brincava, pescava, mas na realidade o grande *bobby* do meu pai era caçar. Ele tinha matilhas de cães de caça que a mamãe tinha que cuidar. Então saía e ia pra caçada, passava o dia no meio do mato lá com os amigos deles. E ela – é isso que eu digo – então, a mamãe fazia o seguinte: em Garanhuns, recém-casada, praticamente, eu ainda não tinha nascido, e o papai trabalhava demais e a mamãe dizem que, coitada, a única coisa que ele gostava era das

“caçadinhas”, não era ela que ia dizer não, não é? Então, eles saíam domingo e ela ficava só. Então, ela ia pro Colégio Santa Sofia e procurava uma menina internada que não tivesse família para visitar para passar o dia com ela. E ia passar lá com a menina e conversava e tal. A única vez que ela chorou, se amolou, porque foi num dia de Ano Bom e papai não chegava, ela vestida e eles iam à festa. Mas ela estava vestida não era porque eles iam à festa não. Ela estava com medo que tivesse acontecido algum acidente, foi por isso. Quer dizer, ela era 100%. Tudo o que papai fazia ela achava bom. Cuidava dos cachorros dele, achava tudo muito bom, era o único vício. E fumar. Porque naquele tempo não tinha essa consciência de que o fumo era tão... o próprio bispo fumava. Mas era só isso. Não bebia, não jogava, não passava a noite fora, não achava graça em nada que não fosse na família, era muito unido com os cunhados, com o próprio ambiente familiar, sempre em casa. Ah, sim! E o futebol. Porque ele foi jogador do Fluminense, ele era o nº 6 do Fluminense junto com o Marcos de Mendonça, quando o Borgeth saiu prá fundar o Flamengo, né? Então, ele foi jogador do Clube porque eram os rapazes da sociedade aqui no Rio. Adoravam. Era Fluminense doente, por isso que, quando ele morreu, ele estava com o radinho aqui no estômago ouvindo. Era a disputa do América com o Fluminense. E o Fluminense perdeu nesse ano. Então, disfarçaram e tiraram porque aquilo emocionava ele. Eu acho que ele morreu sem saber que o Clube dele perdeu. Mas ele foi Fluminense toda a vida aqui e Náutico em Recife. Mas ele teve um desgostozinho qualquer com o Fluminense, parece, porque houve um claro em que ele ficou afastado sem pagar, não sei o que, houve qualquer coisa, mas ele nunca deixou de amar o clubezinho dele.



A publicação do Inventário Analítico do Arquivo Victor Tavares de Moura torna disponíveis aos pesquisadores aspectos inéditos da história das favelas e das políticas de habitação popular, que podem ser vistos aqui através da trajetória pessoal e profissional deste médico. Sua atuação na criação dos Parques Proletários durante a época Vargas foi resgatada pela equipe de Lícia do Prado Valladares do URBANDATA-BRASIL que, em parceria com a Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, empenharam-se para trazer ao público esta obra.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

